



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Anna Thereza Carneiro Pinto Abdala

**Os Processos de Transmissão Psíquica e a Violência Sexual Incestuosa:
uma análise do filme “Volver”**

UBERLÂNDIA

2013



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



Anna Thereza Carneiro Pinto Abdala

**Os Processos de Transmissão Psíquica e a Violência Sexual Incestuosa:
uma análise do filme “Volver”**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de concentração: Psicologia Aplicada
Orientador: Prof. Dr. Caio César Souza Camargo Próchno
Coorientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Avelino da Silva

UBERLÂNDIA

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

A135p Abdala, Anna Thereza Carneiro Pinto, 1987-
2013 Os processos de transmissão psíquica e a violência sexual incestuosa:
uma análise do filme “Volver” / Anna Thereza Carneiro Pinto Abdala. --
2013.

114 f.

Orientador: Caio César Souza Camargo Próchno.

Coorientador: Luiz Carlos Avelino da Silva.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui bibliografia.

1. Psicologia - Teses. 2. Crime sexual - Teses. 3. Volver - Teses.
4. Psiquiatria no cinema - Teses. I. Próchno, Caio César Souza Camargo.
II. Silva, Luiz Carlos Avelino da. III. Universidade Federal de Uberlândia.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.9

Anna Thereza Carneiro Pinto Abdala

Os Processos de Transmissão Psíquica e a Violência Sexual Incestuosa: uma análise do filme “Volver”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Aplicada – Mestrado, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Orientador: Prof. Dr. Caio César Souza Camargo Próchno

Co-orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Avelino da Silva

Banca Examinadora

Uberlândia, 04 de Abril de 2013.

Prof. Dr. Caio César Souza Camargo Próchno (Orientador - UFU)

Prof. Dra. Marciana Gonçalves Farinha (Examinadora - UFG)

Prof. Dra. Joyce Marly Gonçalves Freire (Examinadora - UFU)

Prof. Dra. Cíntia Bragheto Ferreira (Membro Suplente - UFG)

A todas as famílias que sofreram a dor de vivenciar situações de violência sexual.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela proteção, amparo e coragem que me foi concedida para trilhar este caminho, por vezes, angustiante, mas que, ainda assim, possibilitou a concretização de um sonho.

Aos meus pais, Junior e Maria Angelica, a base, pelo incentivo e por torcerem pelas minhas conquistas.

Ao meu irmão, João Neto, pelos momentos de parceria e trocas.

Aos meus avós, João e Glória, pelos momentos de cuidado.

A minha cunhada Karen e ao concunhado Kauã, por compartilharmos tantas vivências boas.

A minha madrinha Karla Melo, pelo afeto, carinho e apoio.

A minha afilhada Helena, um presente em minha vida.

Aos tios e primos que participaram, de alguma forma, deste percurso.

Ao Prof. Dr. Caio César Souza Camargo Próchno, orientador desta dissertação, e ao Prof. Dr. Luiz Carlos Avelino da Silva, co-orientador, pelo acolhimento, paciência e respeito para que eu pudesse concluir este trabalho, além das contribuições oferecidas que levarei como ensinamentos pessoais e profissionais.

À Profa. Ms. Marcionila Rodrigues da Silva Brito, pela oportunidade de realização do estágio de docência na graduação, além do carinho e afeto disponibilizados sempre, seja no contexto acadêmico ou fora dele.

À Profa. Joyce Marly Gonçalves Freire, pelas contribuições na qualificação e pelas palavras generosas.

Ao José Renato, por mais de uma década de amizade, possibilitando compartilhar sorrisos e lágrimas diante de tantas histórias.

À Maraysa Tralli, por conseguir se fazer presente, ainda que a distância esteja grande, oferecendo apoio, carinho, uma enorme escuta, além da confiança diária e compreensão.

À Fernanda Junqueira, por mostrar que um laço, quando bem constituído, não se quebra através do tempo.

À Lívia Imolesi, por tantos anos de uma amizade construída através de escutas, afetos e compartilhamentos.

À Júlia Campos, por ser uma amiga verdadeira em quem posso confiar, além de compartilhar inúmeros momentos, seja pra dividir algo comum ou extremamente importante.

Aos amigos Daniel Cury e Andrezza Dias, também companheiros de mestrado, por me ajudarem, oferecendo força, carinho e opiniões construtivas.

Aos amigos Eliane Ota, Willian Moura e Lorena Guimarães pelo carinho e por tamanha sustentação psicológica disponibilizada a mim, sobretudo, em momentos difíceis.

À Mirelle Bonesso, por todo o apoio disponibilizado, cuidado e contribuições oferecidas.

A todos os amigos, cada qual, com as mais diversas características, por fazerem-se especiais e únicos em minha vida. Obrigada pelas possibilidades de dividirmos as nossas histórias.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, obrigada!

Ao CNPq, pela bolsa de estudos concedida a mim.

A todos aqueles que, de uma forma ou de outra, contribuíram de forma positiva, participando desta etapa de minha vida, muito obrigada!

RESUMO

Sabe-se que os processos de transmissão psíquica, de modo inconsciente, fazem-se presentes nos espaços intersubjetivos, permeando os vínculos entre os sujeitos de um mesmo grupo, incluindo a família. Diante disso, este estudo teve como objetivo investigar a possível existência de uma relação entre os processos de transmissão psíquica e a violência sexual incestuosa. Foi construída a análise do filme *Volver*, de acordo com o método psicanalítico, interpretando as relações dos sujeitos que compõe as gerações daquela família, tentando compreender as possíveis significações atribuídas à situação de violência sexual incestuosa bem como seus desdobramentos. Inferiu-se que há certa relação entre a violência sexual incestuosa e a herança psíquica, na qual esta última exerce uma influência sobre a outra, no entanto, não é um fator determinante. Na análise apareceram aspectos relativos à transgressão das duas leis constituintes da civilização que podem interromper, de alguma forma, a transmissão psíquica intergeracional, tornando-a transgeracional diante de uma situação traumática. Discutiu-se também sobre a possibilidade de sujeitos da família que constroem criptas psíquicas mantenedoras de segredos que, conseqüentemente, constituem o objeto transgeracional, fantasma patológico, que pode ter promovido uma atuação sobre o psiquismo do descendente através da transmissão psíquica transgeracional. Outro aspecto discutido em relação à violência sexual incestuosa é a presença do violentador na dinâmica familiar que tem responsabilidade sobre o ato. A herança psíquica é um fator relevante a ser considerado diante das experiências pelas quais os sujeitos passam, pois, através desta ótica, o olhar dos profissionais que lidam com determinados casos torna-se ampliado. Acredita-se que os processos de transmissão psíquica constituem um amplo campo de pesquisa a ser investigado para melhor compreensão de tantos sintomas e situações que podem incitar sofrimentos psíquicos nos sujeitos.

Palavras-chave: transmissão psíquica; transgeracionalidade; cripta psíquica; fantasma patológico; violência sexual incestuosa

ABSTRACT

It is known that the processes of psychic transmission are inserted in the intersubjective spaces in an unconscious way, thus they show up in the bonds among the subjects of a same group, including Family. Concerning that, this research's goal was to investigate the existence of a connection between those psychic transmission processes and incestuous sexual violence. An analysis of the movie *Volver* was made according to the psychoanalysis method which interpreted the relationships of the subjects that compound the generations of that family, trying to understand the meanings given to the situation of an incestuous sexual violence and its consequences. It is said that there is a certain connection between incestuous sexual violence and psychic heritage, in which the last influences the first one. However, this fact doesn't determine the situation. In the analysis there were aspects related to the transgression of the two laws that hold our civilization that can somehow interrupt the psychic transmission between generations, which makes it transcend the generations in a traumatic situation. It is discussed the possibilities of family subjects who build psychic graves which are secret keepers in that way building up to the object that transcends generations, a pathological phantom that might have caused an interference over the descendants' psychics through psychic transgenerational transmission. Another aspect concerning incestuous sexual violence is the presence of the offender in the family dynamics which is responsible for the aggression. Psychic heritage is a relevant factor to be considered when it comes to the experiences in which the subjects go through. That way, the point of view of professionals who deal with some of those cases can be widened. It is believed that the processes of psychic transmission should be investigated as there is a big field of research yet to be studied, for a better understanding of so many symptoms that can incite psychic suffering on the subjects.

Keywords: psychic transmission; transgenerationality; psychic grave; pathological phantom; incestuous sexual violence

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 - OS PROCESSOS DE TRANSMISSÃO PSÍQUICA: UM PERCURSO NA OBRA FREUDIANA	19
2 - A TRANSMISSÃO PSÍQUICA E SEUS DESDOBRAMENTOS	33
2.1 - Os tipos de transmissão psíquica e seus conteúdos	36
2.2 - A transmissão psíquica e a constituição de alianças inconscientes do grupo familiar	41
2.3 - O trauma e suas interseções com a cripta psíquica e o fantasma	45
2.3.1 - O trauma a partir de Ferenczi	46
2.3.2 - As contribuições de Abraham e Torok sobre o trauma e suas vicissitudes: a cripta psíquica e o fantasma	48
3 - A FAMÍLIA E A VIOLÊNCIA SEXUAL INCESTUOSA	57
3.1 - Compreendendo o grupo familiar	59
3.2 - Complexo de Édipo e incesto: um par de opostos	63
3.2.1 - Os romances intrafamiliares edípicos	67
3.3 - A proibição do incesto	69
4 - MÉTODO: O PERCURSO PARA O DESVELAMENTO	76
5 - VOLVER: A CONSTRUÇÃO DE UMA ANÁLISE A PARTIR DA TRANSMISSÃO PSÍQUICA	79
5.1 - Sobre o filme: aspectos formais	80
5.2 - Um recorte de cenas	80
5.3 - Desvelando a dinâmica desta família?	102
6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
7 - REFERÊNCIAS	110

Convívio

Carlos Drummond de Andrade

Numa incerta hora fria
perguntei ao fantasma
que força nos prendia
ele a mim, presumo
estar livre de tudo,
eu a ele, gasoso,
todavia palpável
na sombra que projeta
sobre meu ser inteiro:
um ao outro: cativos
desse mesmo princípio
ou desse enigma
que distrai ou concentra
e renova e matiza,
prolongando-a no espaço
uma angústia no tempo.
Perguntei-lhe por fim
A razão sem razão

De me inclinar aflito
Sobre restos de restos,
De onde nenhum alento
Vem refrescar a febre
Deste repensamento
Sobre esse chão de ruínas
Imóveis, militares
na sua rigidez
que o orvalho matutino
já não banha ou conforta.
No vôo que desfere,
saliente e melancólico,
rumo da eternidade,
ele apenas responde
(se acaso é responder
a mistérios, somar-lhes
um mistério mais alto):
Amar, depois de perder.

INTRODUÇÃO

O tema deste estudo é relativo à violência sexual, porém antes de explicitá-lo, conto um pouco do estágio que fiz na área de psicologia clínica, no qual lidávamos com crianças e adolescentes violentados sexualmente. Os casos atendidos e compartilhados pelo grupo foram muito significativos despertando meu interesse em realizar esta pesquisa e, com o objetivo de ilustração, apresentarei uma vinheta clínica referente a um paciente que foi violentado sexualmente aos oito anos de idade por um desconhecido em um local público da cidade.

Franklin desenhou uma canoa no rio e escreveu na folha ‘a canoa virou foi culpa do Franklin (nome fictício) que deixou ela virar. Se eu fosse um peixinho tirava ele lá do fundo do mar.’ (...) Em seguida, desenhou um ‘bichão’ - assim denominado por ele - com formas humanas e disse ‘esse é o bichão, o homem mau’.

Escolhi este trecho específico da sessão porque, analisado contextualmente, mostra como Franklin sentia-se culpado em relação à violência sexual que sofrera e, ao mesmo tempo, de forma ambivalente, aponta este homem mau como responsável pela violência cometida. Além disso, compreendi esta fala como um pedido de ajuda do garoto que estava no “fundo do mar”, mas havia um desejo de superar a violência sexual traumática - denominada assim por ter havido desdobramentos que não permitiam a elaboração da situação neste caso.

É interessante relatar que feito o flagrante do ato violento, o garoto foi levado pela polícia para a delegacia, aguardando que a mãe fosse contatada, já que se encontrava perdido dela. No entanto, o menino foi levado em um mesmo veículo que o violentador, permanecendo em contato com este, o que pode ser interpretado como mais uma violência sofrida, neste segundo momento, pela criança.

Atendi este caso quando ainda estava na graduação do curso de Psicologia. Realizei os atendimentos psicoterápicos com crianças e adolescentes violentados sexualmente no período de agosto de 2008 a julho de 2010. Tais atendimentos faziam parte do estágio “Psicoterapia Psicanalítica com Crianças e Adolescentes e Orientação de Pais” na Clínica Psicológica da Universidade Federal de Uberlândia, sob supervisão da professora Marcionila Rodrigues da Silva Brito.

O referido estágio atendia crianças e adolescentes com as mais diversas demandas desde seu início, porém o índice crescente de pacientes que chegavam à triagem com queixa de violência sexual fez com que este serviço tivesse como especialidade este público. O atendimento psicoterápico psicanalítico era feito de forma individual; portanto, a criança ou adolescente tinha um estagiário como psicoterapeuta, enquanto os responsáveis, quando iniciados em psicoterapia, eram cuidados por outro estagiário.

Naqueles atendimentos feitos por mim, pelo movimento da contratransferência, muitas vezes, sentia revolta diante das percepções de como a violência sexual e seus desdobramentos fragilizavam as crianças e os adolescentes, colaborando para a constituição de marcas psíquicas que podem se tornar traumáticas devido à falta de condição de sustentação da situação, contribuindo para um empobrecimento da vida afetiva.

Lidar com a questão da violência sexual, quando aparecia em sessão, exigia muito cuidado, respeito e sensibilidade de nossa parte para dar voz a estes sujeitos de forma a significar as violências sofridas, considerando também que, muitas vezes, eram colocados num lugar de descrédito ou de mentira até mesmo por familiares ao contarem sobre a situação de violência.

Após os atendimentos, relatávamos os casos em supervisão, onde estes eram analisados e, desta forma, inteirávamo-nos da dinâmica do paciente e sua família. Fui percebendo que, com o decorrer das sessões, algumas mães relatavam que, assim como o

filho (a), haviam sido violentadas na infância. E ainda tiveram casos em que obtivemos a informação que a avó da criança ou adolescente também sofrera violência sexual. Sendo assim, estávamos diante de casos de três gerações participando de cenas de violência sexual, podendo ser incestuosas ou não, despertando inquietações em mim.

Incomodava-me o fato de mães e suas crianças terem sofrido a violência em sua infância ou adolescência. Comecei, então, a pensar quais fatores propiciariam essa repetição de vivência de violência sexual por entre essas gerações? Seriam elementos psíquicos presentes na dinâmica de tais famílias que as diferenciavam das outras? Mas, quais elementos? Dentre estes, atentei-me para os processos de transmissão psíquica, considerando que o inconsciente bem como as relações também são permeados pela herança psíquica - resultante destes processos, fazendo-se importante para investigar os sujeitos que sofrem.

A cultura, a linguagem, as leis constituintes da civilização exemplificam os conteúdos intergeracionais da herança psíquica enquanto que os elementos não-ditos, experiências não-elaboradas, aspectos sem representação fazem parte do grupo dos conteúdos transgeracionais. Surgia a indagação relativa à influência dos conteúdos transgeracionais da herança psíquica na repetição da violência sexual por entre as gerações.

Diante desta trajetória contada, fui movida a pesquisar se há relação da herança psíquica com a violência sexual. Esta é definida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) (2002) como toda ação na qual uma pessoa, envolvida ou não em situação de poder, tenta submeter ou obrigar a outra - independente de ter completado a maioridade - a realizar práticas sexuais, podendo utilizar de coerção física como agressões, armas e drogas ou psicológica como, por exemplo, ameaças.

A OMS (1999; 2002) aponta como um dos maiores problemas de saúde pública a violência sexual infantil. Esta é compreendida como o envolvimento de uma criança em atividade sexual para a qual ela não tem condições físicas e psíquicas. Há violação dos tabus

e leis da sociedade. Ato coercivos de indução em atividades sexuais ilegais, prostituição e exposição pornográfica também são exemplos de situações consideradas violência sexual infantil.

O Ministério da Saúde (2008) cita assédio sexual, atentado violento ao pudor, pornografia infantil, exploração sexual, pedofilia, voyeurismo e estupro como formas de violência sexual. Desta forma, esta não se refere exclusivamente ao ato sexual, mas sim a todas essas ações. Os índices da ocorrência de violência sexual no Brasil também são altos. De acordo com a Vigilância de Violências e Acidentes (VIVA) (2008) de 9.049 notificações recebidas relativas à violência, 33% eram do tipo sexual.

Outro dado interessante é mencionado por Cohen e Gobbetti (2000), em uma pesquisa feita com os casos atendidos pelo Centro de Estudos e Atendimentos Relativo ao Abuso Sexual (CEARAS), realizada em São Paulo, relataram um índice de violência sexual maior entre a família com porcentagem de 53,14, envolvendo pais e filhos ou irmãos.

A VIVA (2008) também aponta que no Brasil, no ano de 2006/2007, 22% dos casos de violência sexual contra crianças e adolescentes do sexo masculino eram cometidos pela família, ressaltando que aqui incluíram apenas pais, mães, padrastos e madrastas. Contra crianças do sexo feminino, o índice desse mesmo tipo de violência sexual intrafamiliar foi quase o mesmo do sexo masculino, chegando a 20%.

De acordo com essas pesquisas supracitadas, há predomínio da violência sexual intrafamiliar sobre as outras formas de violência. Diante disso, faz-se relevante uma investigação sobre o movimento psíquico das famílias e a dinâmica em que se inserem. Para isso, escolhi investigar os processos de transmissão psíquica, buscando interpretar também o sofrimento psíquico dos sujeitos que se envolveram em situação de violência sexual. Com isso, é pretendido promover reflexões acerca deste assunto, intentando possíveis contribuições aos profissionais que lidam com pacientes violentados nas diversas instituições.

A pesquisa foi realizada através da análise do filme *Volver* (2006) de Pedro Almodóvar. Utilizar um filme, neste estudo, permite-me ter um olhar sobre as diversas relações dos personagens - adotados como sujeitos nesta pesquisa psicanalítica - de uma mesma família, além de criar uma possibilidade de caminhar entre passado e presente na história das gerações, observando o movimento da herança psíquica.

Sendo assim, objetiva-se investigar se há relação entre os processos de transmissão psíquica e a violência sexual intrafamiliar. Como objetivos específicos pretende-se interpretar as relações dos sujeitos que compõem a família; compreender as possíveis significações que os sujeitos da família atribuíram à violência sexual incestuosa.

Esta dissertação é composta de seis capítulos. No capítulo um foram tecidas considerações e reflexões a respeito dos processos de transmissão psíquica na constituição do psiquismo do sujeito com base nos postulados de Freud sobre este assunto. Outros conceitos fundamentais da Psicanálise - como, por exemplo, instintos de vida e de morte, compulsão à repetição, trauma - necessários para a compreensão da temática desta pesquisa também foram apresentados.

No capítulo dois, a teoria da transmissão psíquica foi discutida a partir de autores contemporâneos que fizeram contribuições relevantes promovendo descobertas sobre o tema. A definição de transmissão psíquica, as formas de transmissão, os conteúdos relativos a estas, a influência de tais processos no grupo familiar se constituindo a partir de experiências traumáticas, incluindo a formação da cripta psíquica e do fantasma patológico - ambos formulados por Abraham e Torok, foram os assuntos presentes nos tópicos deste capítulo.

No capítulo três discorreu-se sobre a família enquanto grupo e a violência sexual incestuosa - um dos aspectos tratados no filme *Volver*. Introduziu-se o complexo de Édipo, avesso do incesto, bem como os romances intrafamiliares, assim denominados por Freud. Em

seguida, teorizou-se sobre o incesto e sua proibição conforme a sociedade em que os sujeitos estão inseridos.

O método psicanalítico foi brevemente explicitado no capítulo quatro, no qual se apresentou também a importância do cinema como um meio de comunicação e as razões para escolher um filme para discussão. No capítulo cinco, foi construída uma análise a respeito do filme *Volver* baseada nos processos de transmissão psíquica. Alguns aspectos formais sobre o filme foram relatados e, posteriormente, foram separadas cenas relevantes para serem pensadas, concluindo a discussão com um possível desvelamento da dinâmica da família da história. No capítulo seis, a dissertação é finalizada com as considerações finais.

1 - OS PROCESSOS DE TRANSMISSÃO PSÍQUICA: UM PERCURSO NA OBRA FREUDIANA

O que herdaste de teus pais, conquista-o, para que o possuas (Goethe em *Fausto*, Cena I, vv.682-3) (citado por Freud, 2012/1913, p. 241).

A citação acima foi escolhida para introduzir o assunto deste capítulo, pois evoca uma associação com a transmissão psíquica. Através desta os descendentes herdam inconscientemente aspectos sem representação de experiências vividas pelos ancestrais bem como elementos da cultura e linguagem, estruturantes na constituição da vida psíquica. Na clínica psicanalítica é possível encontrar casos em que os sintomas¹ de um sujeito² surgiram a partir do movimento da transmissão psíquica. Dessa forma, este precisa elaborar aquilo que outrora lhe foi transmitido, conquistando espaço para desenvolvimento de seu psiquismo.

Sigmund Freud teorizou a existência dos fenômenos de transmissão psíquica desde 1895 em *Estudos sobre a histeria* e prosseguiu investigando esta temática em algumas de suas obras até 1939 em *Moisés e o Monoteísmo: três ensaios*. Dessa forma, vê-se que os processos de transmissão psíquica é um assunto pelo qual a Psicanálise se interessa desde seus primórdios e se aplica também a situações clínicas contemporâneas, nas quais os impasses para compreender o sujeito implicam em considerar aquilo que lhe é anterior. Será feito um percurso cronológico pelas obras de Freud, visando discutir as contribuições do pai da Psicanálise.

¹ Sintoma pode ser definido como uma manifestação de algo que provém do inconsciente como um representante, por exemplo, de um conflito psíquico (Freud, 2010/1915a).

² Sujeito, para a Psicanálise, é aquele que tem suas experiências marcadas pela via do inconsciente (Elia, 1999).

Freud (1974/1895) fala sobre algo que influencia a conduta dos seres humanos, seus pensamentos e associações: as representações inconscientes, as quais, mesmo sendo presentes com frequência, são inadmissíveis à consciência. Freud já aponta o inconsciente como regente do sujeito, o qual, muitas vezes, não tem conhecimento disto. Além disso, o autor chama atenção para a questão da hereditariedade de aspectos psíquicos em relação àquilo que é transmitido inconscientemente por entre as gerações das famílias e nas posições que os seus membros ocupam na dinâmica.

Antes de prosseguir, é importante fazer uma ressalva no que diz respeito à palavra transmissão. Esta aparece no sentido inconsciente, ou seja, os sujeitos não optam por algo a ser herdado, não há escolha, fazendo da transmissão psíquica algo que é posto desde os primórdios da civilização.

Ao investigar os sonhos, Freud (1974/1900) encontrou, na constituição destes, elementos relativos à transmissão psíquica a partir de casos de histeria. O autor discorreu sobre o mecanismo de identificação compreendido como um processo psíquico em que o sujeito inconscientemente assimila uma característica, um traço do outro que passa a ser comum a uma dupla de sujeitos. Esta identificação com o sintoma ou desejo do outro ocorre através do movimento inconsciente da transmissão, podendo ser desvelado também na interpretação dos sonhos.

Freud (2012/1913) prosseguiu sustentando a formulação de que a transmissão psíquica ocorre por via da identificação desde os primórdios da civilização. Em *Totem e Tabu* o autor faz uma narrativa do mito da horda primeva para explicar o processo de identificação que acontece nas relações, incluindo o grupo primordial. Além disso, a partir deste mito, explana a instituição dos tabus fundamentais para a constituição da civilização que até então não havia sido formada.

A horda primeva - aquém do processo civilizatório - é descrita por Freud (2012/1913) como sendo composta por um pai violento, também líder do grupo, que tomava todas as mulheres do bando para si. No entanto, os outros integrantes do grupo como, por exemplo, os filhos do líder eram proibidos de fazer as mesmas ações que o pai. Assim, foram se indignando com tal situação. O líder receosa de que os filhos tornassem-se suficientemente fortes para tomar seu lugar e, diante das investidas libidinais deles às mulheres do bando, os expulsou da horda. Tomados pelo desejo de destituir o poder do pai, os irmãos uniram-se, assassinando-o e devorando-o. Este último ato leva a uma identificação com o pai como se cada um adquirisse parte de sua força pela via da incorporação.

A ambivalência entre amor e ódio em relação a este pai fez surgir um sentimento de culpa e o pai “morto tornou-se mais forte do que havia sido o vivo” (Freud, 2012/1913, p. 219). E, assim, os próprios filhos diante do sentimento de culpa, proibiram a morte do totem, substituto do pai, e renunciaram às mulheres do bando desejadas por eles anteriormente, barrando a prática do incesto; estabelecendo, desta forma, os tabus para a constituição da civilização.

Considerando a transmissão psíquica entre as gerações, é possível pensar os descendentes como herdeiros dos crimes cometidos pelos membros da horda primeva. Nesta perspectiva, as leis que proíbem homicídio e incesto foram estabelecidas, também como tabus³ a não serem quebrados, para a continuidade da civilização. Assim, pode-se inferir que tais leis originárias na antiguidade são também tradições transmitidas por identificação com o grupo, de acordo com a instituição deste, bem como com os modelos parentais.

³ Tabus são tidos como algo sagrado, mas também impuro e perigoso; é estabelecido como regra social e cultural a ser seguida pelos sujeitos pertencentes a um grupo (Freud, 2012/1913).

Freud (2012/1913) afirmou que

Podemos supor que nenhuma geração é capaz de esconder eventos psíquicos relevantes daquela que a sucede. Pois a psicanálise nos ensina que cada qual possui, em sua atividade mental inconsciente, um aparelho que lhe permite interpretar as reações das outras pessoas, isto é, desfazer as deformações que o outro realizou na expressão de seus sentimentos (Freud, 2012/1913, p. 241).

Pode-se pensar, a partir desta citação, que o autor constatou uma dimensão intersubjetiva da vida psíquica, a qual se desvela quando se tem uma situação de um sujeito sendo capaz de revelar ao outro algo obscuro que este mesmo desconhecia, não possibilitando nomeação até então.

Existem outras vias de transmissão psíquica como, por exemplo, a via narcísica teorizada por Freud (2010/1914a). Para que seja constituído o narcisismo primário do bebê é necessário que as figuras parentais, em um reviver do próprio narcisismo, invista libidinalmente na criança. O narcisismo primário, estruturante do psiquismo, é um estado primordial, no qual ainda não há ego; há predomínio do autoerotismo compreendido como um caminho em que as pulsões da libido buscam satisfação no próprio corpo.

No entanto, Freud (2010/1914a) apontou que a supervalorização narcísica dos pais para com os filhos é algo que pode preponderar na relação entre eles. “Os pais são levados a atribuir à criança todas as perfeições - que um observador neutro nelas não encontraria - e a ocultar e esquecer todos os defeitos” (p. 36), ou seja, os modelos parentais repetem uma recusa perante as falhas e faltas das crianças da mesma maneira como fazem com as próprias, como se fosse possível não tê-las.

Os pais, que constroem essas relações narcísicas, têm a compreensão de que “as coisas devem ser bem melhores para a criança (...), ela não deve estar sujeita às necessidades que reconhecemos como dominantes na vida” (Freud, 2010/1914a, p. 37). Este modo de agir

faz com que o filho seja privado do contato com noções de doença, morte, renúncia ao prazer, restrições de vontades. Consequentemente, não há tolerância à frustração, pois para esta criança tudo se torna possível de realizar naquele momento em que ela deseja algo, revivendo a condição suprema de “Sua Majestade, o Bebê” (p. 37) - o centro e âmago da criação.

Freud (2010/1914a) também mencionou que as figuras parentais podem desejar que os filhos realizem sonhos e projetos não alcançados por eles mesmos. Tais desejos de caráter narcísico também compõem os investimentos libidinais que podem somar-se a outros fatores e constituir algo a ser transmitido ao bebê. Caso isso ocorra, o lugar da criança nesta família poderia ser de um possível depositário de sonhos e desejos parentais, os quais se não tiverem representação, podem se inserir em um movimento de repetição no psiquismo dos descendentes.

Junto aos conteúdos recalçados no aparelho psíquico estão presentes aqueles que não constituíram uma representação (Freud, 2010/1914b). Estes, bem como os primeiros, podem manifestar-se em atuações do sujeito, por exemplo, em análise; “é lícito afirmar que o analisando não recorda absolutamente o que foi esquecido e reprimido, mas sim o atua. Ele não o reproduz como lembrança, mas como ato, ele o repete, naturalmente sem saber o que faz” (pp. 199-200).

A repetição inconsciente, interpretada na relação transferencial com o psicanalista, faz-se como via de recordação do sujeito (Freud, 2010/1914b). Os conteúdos inomináveis ou sem representação também podem se repetir compulsivamente e enquanto não houver elaboração⁴ psíquica, a tendência é que continue esta reprodução tentando buscar significados e simbolizações.

⁴ Elaboração é uma transformação do afeto - que demanda um tempo particular de cada sujeito - relativo a lembranças possivelmente traumáticas. O processo de elaboração psíquica ocorre com a análise a partir da qual o sujeito pode construir um saber sobre si mesmo (Freud, 2010/1914b).

Faz-se necessário definir, neste momento, o conceito de instinto para um aprofundamento da discussão do mecanismo de compulsão à repetição. O instinto, segundo Freud (2010/1915b), é um representante psíquico que se origina de fontes de estímulo que se encontram no interior do organismo. Além disso, é caracterizado como uma força constante de caráter impulsivo que busca satisfação imediata e não se deixa ser dominado por ações de fuga.

Freud (2010/1915b) diferenciou os instintos primitivos em dois grupos. O primeiro contém os instintos do Eu ou de autoconservação, os quais, como sugerido pelo próprio nome, são necessários para a continuidade da vida, fazendo com que o Eu tente buscar um equilíbrio. O segundo grupo, por sua vez, é composto pelos instintos sexuais, os quais provem de diversas fontes orgânicas, atuando de forma independente uns dos outros com a finalidade de atingir o prazer do órgão. Após serem somados em uma síntese, ligam-se à função reprodutiva.

Os instintos sexuais

apóiam-se inicialmente nos instintos de conservação, dos quais se desligam apenas aos poucos, e seguem também na busca de objeto os caminhos que lhes mostram os instintos do Eu. Uma parte deles permanece a vida inteira associada aos instintos do Eu, dotando-os de componentes libidinais, que na função normal são facilmente ignorados, e apenas quando há doença surgem claramente. Caracterizam-se pelo fato de poderem, em larga medida, agir vicariamente uns pelos outros, e trocar facilmente seus objetos. (Freud, 2010/1915b, p. 63).

Os instintos tem seus destinos influenciados pelas três polaridades que regem o psiquismo: atividade-passividade, Eu-mundo exterior e prazer-desprazer, de acordo com Freud (2010/1915b), que formam ligações significativas entre si. A oposição Eu (Sujeito) - Mundo exterior (Objeto) apresenta-se para o sujeito desde quando o bebê inicia os processos

de diferenciação Eu-Outro, percebendo progressivamente que o mundo não é uma extensão dele; a antítese prazer-desprazer é relativa a sensações importantes para a definição dos atos dos sujeitos enquanto que a polaridade atividade-passividade se dá a partir do Eu-sujeito, “passivo diante dos estímulos externos, e ativo em virtude dos próprios instintos” (p. 73).

Para exemplificar tais pares de opostos, Freud (2010/1915b) utilizou-se do amor e ódio que são frequentemente dirigidos a um mesmo objeto devido à ambivalência⁵ afetiva também constituinte dos sujeitos. O autor discutiu que o amor primeiramente é autoerótico, posteriormente que se direciona a outros objetos. Nesta posição de pré-genitalidade o amor não se diferencia do ódio de forma significativa, somente na organização genital passam a ser contrários.

No vínculo do Eu com o objeto, o ódio é anterior ao amor, já que rejeita, primordialmente, aquilo que lhe causar desprazer. Dessa forma, o ódio “sempre permanece em íntima relação com os instintos de conservação do Eu, de modo que instintos do Eu e instintos sexuais podem facilmente constituir uma oposição que repete a de ódio e amor” (Freud, 2010/1915b, p. 79), o que influencia no aspecto ambivalente das relações.

Até este momento na obra freudiana, o autor dividira os instintos em dois grupos: autoconservação e sexuais como se pode observar na discussão realizada. Entretanto, Freud (2010/1920) modificou esta teoria, apresentando os instintos de morte como opostos aos instintos de vida, constatando ambos como regentes do funcionamento psíquico. Enquanto estes últimos, de caráter construtivo, tendem à continuação da vida e a constituir unidades cada vez maiores, os instintos de morte, autodestrutivos, buscam uma redução completa das tensões, tentando voltar a um estado inorgânico.

⁵ Ambivalência é compreendida como um dualismo instintual, no qual se observa o movimento instintual e seu contrário ao lado deste (Freud, 2010e/1915).

Além disso, houve outra inovação na teoria psicanalítica relativa ao princípio do prazer. Freud acreditava que os processos psíquicos eram regulados por este princípio, alegando que se houvesse uma tensão desprazerosa, o psiquismo buscaria abaixá-la, evitando o desprazer ou gerando prazer. No entanto, Freud (2010/1920) percebeu que havia forças opostas atuantes na vida psíquica independentemente do princípio do prazer, fazendo com que o resultado não fosse sempre uma tendência ao prazer.

Freud (2010/1920) também formulou o conceito de princípio da realidade, o qual faz com que se consiga o adiamento da satisfação, recusando algumas possibilidades desta e aceitando temporariamente o desprazer, sem abandonar o objetivo da obtenção do prazer. Então, o princípio da realidade vai substituir o do prazer e, quando isso acontece, o sujeito vive experiências de desprazer. Outra fonte que origina o desprazer, por exemplo, são os conflitos presentes no aparelho psíquico.

Enquanto o princípio do prazer representa os desejos da libido, o princípio da realidade se submete às exigências do mundo exterior à realidade psíquica. Por exemplo, um sujeito que tem horário determinado para a entrada em seu trabalho, acorda sonolento com o despertador e quer dormir mais algumas horas. Mas, ele se lembra que se não chegar no horário estabelecido, é descontado o valor correspondente a um dia de trabalho. Pensando nisso, ele não cede ao sono e vai trabalhar, ou seja, o princípio da realidade atuou, adiando a satisfação do prazer naquele momento, o que não significa que o sujeito não queira dormir.

Além destes dois princípios, Freud (2010/1920) apresentou em sua obra o princípio de Nirvana, o qual se refere à tentativa de diminuir, ou ainda, cessar a tensão interna dos estímulos que reflete no aparelho psíquico. Porém, se não há tensões e conflitos, tem-se um estado inorgânico; e se o princípio de Nirvana busca este estado de morte, logo, é regulado pelo instinto de morte, o qual, por sua vez, rege as situações de compulsão à repetição.

O movimento da compulsão à repetição foi observado por Freud (2010/1920) na transferência com seus analisandos como foi mencionado anteriormente nos sonhos de pacientes com neurose traumática e no impulso que conduz as crianças à ação de brincar. O autor relatou sobre uma criança que brincava com um carretel de madeira, a qual ele pode observar algumas vezes.

O jogo consistia em, primeiramente, lançar o brinquedo para que este desaparecesse e, em seguida, reaparecesse (Freud, 2010/1920). Quando o carretel ausentava-se de seu campo de visão, o menino dizia “o – o – o – o”, interpretado como “fort” que significa “foi embora”; posteriormente puxava o carretel de volta e, quando o via, falava “da” (está aqui) com satisfação. O garoto repetia incansavelmente esta brincadeira, a qual representava a ausência e retorno de sua mãe, ainda que somente o segundo ato causasse-lhe prazer. Através deste jogo, Freud constatou que o sujeito revive frequentemente situações que lhe causam desprazer.

Freud (2010/1920) teorizou que as repetições advêm de conteúdos reprimidos inconscientes, os quais têm relação com o princípio do prazer, ainda que

a maior parte do que a compulsão à repetição faz reviver causa necessariamente desprazer ao Eu, pois traz à luz atividades de impulsos instintuais reprimidos, mas é um desprazer que já consideramos, que não contraria o princípio do prazer, é desprazer para um sistema e, ao mesmo tempo, satisfação para o outro. Mas o fato novo e digno de nota, que agora temos que descrever, é que a compulsão à repetição também traz de volta experiências do passado que não possibilitam prazer, que também naquele tempo não podem ter sido satisfações (Freud, 2010/1920, p. 179).

Dentre essas experiências do passado do próprio sujeito que tendem à repetição, pode-se adotar como exemplo aspectos da relação de um filho com sua mãe sendo revividos junto às namoradas ou ainda durante o casamento. Também é relevante pensar, neste momento, que

o sujeito pode repetir determinada situação que acontecera em outra geração, algo vivido por seus ancestrais sem espaço para construir elaborações psíquicas e fora, conseqüentemente, transmitido ao(s) descendentes(s) através da identificação.

Os modelos de identificação - objetos de amor e ódio - dos sujeitos serão os próprios membros da família e de outros grupos que pertencerem (Freud, 2011/1921). Para a Psicanálise, as relações amorosas íntimas que perduram, sejam estas amizades, casamentos, relacionamentos entre pais e filhos, contêm, além de sentimentos positivos, aqueles que são aversivos e hostis, os quais não se permitem serem percebidos devido ao mecanismo de repressão⁶.

Estas relações entre os sujeitos são permeadas por sonhos, fantasias, segredos, lutos, desejos. Todos estes elementos, que podem ou não ter peculiaridades secretas e ocultas, influenciam inconscientemente no movimento da formação de algo no psiquismo do sujeito prioritariamente pela via da identificação.

Freud (2011/1921) apontou a formação neurótica de sintomas, a qual advém de três fontes, como possível decorrência do processo de identificação. A criança pode, por exemplo, desenvolver o mesmo sintoma de uma das figuras parentais como culpa pela rivalidade e hostilidade edípica⁷ com o outro parental. Outro caminho, considerando uma configuração histórica da personalidade, pelo qual o sintoma aparece é imitando o mesmo que o objeto de amor sente. Neste caso, “a identificação tomou o lugar da escolha de objeto, e a escolha de objeto regrediu à identificação” (idem, p. 63).

⁶ A repressão é um mecanismo de defesa que essencialmente tenta “rejeitar e manter algo afastado da consciência” (Freud, 2010/1915a, p. 85), fazendo com que representantes psíquicos dos instintos ou associações referentes a estes permaneçam reprimidas no inconsciente. O uso do termo repressão está de acordo com a tradução da obra freudiana utilizada.

⁷ Tais aspectos são relativos ao Complexo de Édipo a ser discutido detalhadamente em capítulo posterior.

O terceiro caminho de formação de sintoma teorizado por Freud (2011/1921) refere-se ao contexto no qual a identificação não considera a relação objetal com o sujeito imitado neste aspecto, mas sim o fato de poder se colocar em mesma situação que o outro se encontra. Assim, o Eu de um sujeito percebe no outro uma semelhança significativa que, apesar de levar à identificação, deve permanecer sob o domínio do mecanismo de repressão.

Ainda sobre os processos de identificação, Freud (2011/1921) reuniu as características principais destes, afirmando que

primeiro, a identificação é a mais primordial forma de ligação afetiva a um objeto; segundo, por via regressiva ela se torna o substituto para uma ligação objetal libidínica, como que através da introjeção⁸ do objeto no Eu; terceiro, ela pode surgir a qualquer nova percepção de algo em comum com uma pessoa que não é objeto dos instintos sexuais. Quanto mais significativo esse algo em comum, mais bem-sucedida deverá ser essa identificação parcial, correspondendo assim ao início de uma nova ligação (Freud, 2011/1921, p. 64-65).

O Eu, dentre as três instâncias psíquica: id, Eu e supereu, é o que constitui vínculos mais abundantes com os processos de transmissão psíquica, o que se deve, de acordo com Freud (2011/1923a), devido ao Eu ser responsável pelos mecanismos de defesa e adaptação do sujeito frente às ocasiões vividas e condições disponíveis perante estas.

Freud (2011/1923a) também postulou que as experiências do Eu quando inseridas em uma ordem de repetição frequente e com intensidade suficiente em muitos sujeitos de gerações sucessivas, transformam-se em experiências do id. Estes traços mnêmicos inconscientes passam a ser preservados pela transmissão psíquica e operam por via do id. Este último, que é o local que aloja os resíduos das existências e experiências constituintes de

⁸ Introjeção é um conceito originalmente criado por Ferenczi (1988/1912). Pode ser entendido como um processo psíquico relevante para que a identificação aconteça. Traços ou aspectos assimilados do objeto passam a compor o psiquismo do sujeito.

diversos Eus dos ancestrais, tem disponibilidade para ser herdado, o que facilita para que tais experiências possam ser revividas inconscientemente pelo Eu do descendente através, por exemplo, da compulsão à repetição.

Além disso, colocou que ainda que não exista um Eu completamente formado no início da vida psíquica, deve-se lembrar que id e Eu são originalmente um, diferenciando-se posteriormente (Freud, 1974/1937). Devido a esta origem em comum, os caminhos de desenvolvimento, tendências e reações já estão parcialmente estabelecidos para o Eu como, por exemplo, o simbolismo de determinada cultura. Por estes aspectos o autor reafirmou a hipótese de existir elementos herdados dos antepassados no psiquismo dos descendentes e o quanto estes são importantes na constituição do psiquismo do sujeito.

À medida que Freud (1974/1939) teorizou, ao longo de suas obras, os processos de transmissão psíquica, nomeou o resultado destes de herança arcaica, a qual é constituinte do núcleo dos processos psíquicos inconscientes. O autor argumentou que, independentemente de quais aspectos desta herança fixarem-se na continuidade do desenvolvimento psíquico, sejam estes fatores prejudiciais, de não serventia ou incompatíveis com o novo, o mecanismo de repressão terá papel fundamental.

Assim, foi-se consolidando a idéia de que a condição operante dos processos psíquicos do sujeito não inclui apenas as próprias experiências, mas também elementos de origem filogenética, nos quais se incluem características da herança arcaica. Freud (1974/1939) propôs-se a pensar sobre três questões essenciais: em que consiste esta herança, qual o seu conteúdo e como a existência da mesma poderia ser explicada.

A herança arcaica, de acordo com Freud (1974/1939), é um fator constitucional dos sujeitos que dispõe da presença de algumas características inatas encontradas em todos os organismos vivos. Porém, a diferença para os seres humanos é que esta herança não abrange apenas disposições inatas, ou seja, ela não é somente filogenética, mas é também composta

de traços de memória de experiências das gerações anteriores. Por tais aspectos, pode-se perceber o quanto a herança arcaica é algo importante a ser considerado na constituição do psiquismo do sujeito.

Freud (1974/1939) afirmou que “se presumirmos a sobrevivência desses traços de memória na herança arcaica, teremos cruzado o abismo existente entre psicologia individual e de grupo: podemos lidar com povos tal como fazemos com um indivíduo neurótico” (p. 121). As leis fundamentais constituintes da civilização: a interdição do incesto e a proibição de assassinato podem ser tomadas como exemplos de algo que é transmitido inconscientemente de geração a geração. A partir destas é possível pensar a influência que o grupo familiar e a sociedade tem sobre a constituição psíquica individual do sujeito e vice-versa, considerando que tais leis tornaram-se também tradições culturais entre determinados povos.

Para explicar a existência de traços mnêmicos na herança arcaica, Freud (1974/1939) referiu-se a situações de análise que exigem derivação filogenética. O autor formulou que a recordação vai se inserir na herança arcaica se o acontecimento for suficientemente importante ou repetido com alta frequência. O despertar deste traço mnêmico, que anteriormente estava esquecido por uma repetição real e recente do acontecimento, é o fator de importância decisiva para a ativação da recordação, ainda que de forma alterada e deformada na consciência. As circunstâncias para este despertar podem estar relacionadas a vários fatores.

Freud (1974/1939) também discutiu outros aspectos importantes para a Psicanálise a partir de comparações traçadas entre a neurose traumática e a religião monoteísta, frisando que há um período de latência em ambas. Na primeira a latência encontra-se no intervalo de tempo em que o evento traumático é sentido como intacto como se o psiquismo não tivesse sofrido consequências. Já na religião a latência é representada nas divergências entre o registro escrito e a tradição oral. Através desta os fatos não se perdem totalmente, já que vão

sendo contados de uma geração a outra, fazendo com que algo que foi ocultado apresente-se de outra forma na vida psíquica dos grupos.

Traumas, de acordo com Freud (1974/1939), são “ou experiências sobre o próprio corpo do indivíduo ou percepções sensoriais, principalmente de algo visto e ouvido, isto é, experiências ou impressões”, (idem, p. 93) vivenciadas com pouca idade e esquecidas posteriormente, sendo relevantes na etiologia das neuroses. O autor dividiu os traumas em dois tipos: positivo e negativo, afirmando que as fixações são características comuns de ambos; no entanto, aquele que contém caráter negativo fixa-se de modo contrário ao positivo.

Freud (1974/1939) diferenciou que no trauma de caráter positivo há tentativas de recordar a ocasião traumática através da compulsão à repetição, ou seja, a experiência vivida poderá ocorrer novamente em outra relação; enquanto que no trauma com efeitos negativos não há essa busca pela repetição do evento traumático, acontecendo uma evitação que é uma reação defensiva do psiquismo do sujeito, podendo ocasionar inibições e fobias. Pode-se pensar o primeiro tipo de trauma como o retorno de algo reprimido no inconsciente e o outro como a constituição, a partir da negativa, de algo estranho a permanecer presente no psiquismo. Diante da discussão realizada, pode-se inferir que ambos, assim como as tradições orais, são passíveis de transmissão psíquica entre as gerações.

Neste primeiro capítulo foi feito um percurso pelas principais obras de Freud que contém formulações sobre os processos de transmissão psíquica. Além deste assunto, alguns conceitos fundamentais da Psicanálise como dualidade instintual, desdobramentos do trauma e compulsão à repetição foram explicitados por serem necessários para a compreensão da herança arcaica, a qual foi renomeada na contemporaneidade para herança psíquica, já que autores contemporâneos prosseguiram as investigações, algumas a serem discutidas no capítulo seguinte, a respeito deste tema.

2 - A TRANSMISSÃO PSÍQUICA E SEUS DESDOBRAMENTOS

Os processos de transmissão psíquica estão presentes nos espaços intersubjetivos, ou seja, permeando as relações entre, pelo menos, dois sujeitos. Estes nascem inseridos em um espaço e tempo de determinada geração, onde há uma pré-história daquele grupo familiar (Kaës, 1998; Eiguer, 1998; Correa, 2003) que sustenta e mantém a rede de investimentos e cuidados para com o sujeito.

De acordo com Pinheiro (2008), o grupo “predispõe de signos de reconhecimento, apresenta os objetos, oferece os meios de proteção e de ataque, traça as vias da realização, assinala os limites, enuncia os interditos” (pp. 69-70). É neste meio, no qual as transmissões psíquicas tornam-se possíveis, com diversos elementos transmitidos entre as gerações anteriores, que os sujeitos tentam se constituir e formar um psiquismo.

Kaës (1998) colocou que aquilo que se transmite ao outro, a partir do mecanismo de identificação, são “configurações de objetos psíquicos” (p. 9) de diferentes origens, as quais definem o modo como o objeto será transmitido. O autor ressaltou que muitos dos objetos são marcados pelo negativo e, dessa forma,

o que se transmite, seria então, preferencialmente, aquilo que não contém, aquilo que não se retém, aquilo de que não se lembra: a falta, a doença, a vergonha, o recalçamento, os objetos perdidos e ainda enlutados. Tais são as configurações de objeto e de seus vínculos intersubjetivos transportados, projetados, depositados, difratados nos outros, em mais de um outro: eles formam a matéria e o processo da transmissão (Kaës, 1998, p. 9).

Então, a transmissão psíquica não é composta apenas de conteúdos negativos, mas também dos conteúdos que sustentam as continuidades narcísicas, os vínculos intersubjetivos e a permanência da complexidade e da vida. Estes conteúdos a que se faz referência, neste

momento, são os ideais, mecanismos de defesa, identificações, certezas, dúvidas (Kaës, 1998), os quais podem transformar-se no grupo. Tanto os conteúdos positivos quanto os negativos são herdados inconscientemente de forma simultânea, ressaltando que não há escolha do sujeito.

Kaës (1998) propôs dois tipos de transmissão psíquica: intersubjetiva, a qual se relaciona com os conteúdos positivos assim como a transpsíquica faz menção àquilo que é de caráter negativo. A primeira se dá entre os sujeitos que compõe o grupo familiar diferenciando-se uns dos outros em uma relação de complementaridade. Assim, há possibilidades de transformações daquilo que é transmitido enquanto que na outra não. Além disso, na transmissão transpsíquica não há limites que estabelecem os espaços subjetivos, dificultando a separação eu-outro. Ela acontece através dos sujeitos, depositando algo que é de um no interior do psiquismo do outro.

Tais conteúdos constituem o objeto a ser transmitido psiquicamente entre as gerações de acordo com Eiguer (1998). Este é um elemento de investimento, que não se coloca para receber a descarga instintual, mas como sendo pertencente de outro, ou seja, o investimento originou-se no psiquismo deste outro sujeito. O autor exemplificou com a relação mãe-bebê, a partir da qual se origina os primeiros investimentos libidinais dirigidos à criança. No entanto, há investimentos anteriores já existentes a estes direcionados ao bebê; se por ventura algo levar a um desinvestimento libidinal, pode-se construir um vazio irrepresentável no psiquismo desta criança. Freud (2010/1914a) havia formulado que o investimento libidinal das figuras parentais em relação aos filhos é essencial para a constituição do narcisismo primário, essencial para o desenvolvimento da vida psíquica. Neste sentido, a discussão de Eiguer (1998) sustenta os postulados de Freud.

Ainda sobre o investimento do objeto a ser transmitido psiquicamente, Eiguer (1998) acrescentou que este é um vínculo⁹ que pode solicitar um lugar junto aos três outros vínculos propostos pelo autor: da aliança, de filiação e de consanguinidade, os quais serão discutidos posteriormente. Eiguer (1998) considerou que este vínculo, para a família,

veicula um legado organizador, uma herança benévola, reparadora, ao lado da qual mora uma parte maldita com a qual o indivíduo tentará coexistir ou lutar. Parte maldita nos diferentes sentidos do termo: portadora de maldição e de fatalidade, parte vergonhosa, fardo pesado e de obstrução (p. 39).

A partir disto, pode-se apreender que existem dois tipos de conteúdos a serem recebidos pelos sujeitos: intergeracionais e transgeracionais¹⁰ cada qual relativo a uma parte da herança psíquica. Esta, além de ser um fator enriquecedor para investigar as facetas do sofrimento psíquico, é compreendida como o resultado dos processos de transmissão psíquica (Silva, 2003), podendo ser apreendida na clínica psicanalítica através, por exemplo, das manifestações sintomáticas.

Os sujeitos podem apropriar-se, pela via do fenômeno da herança psíquica, da cultura, da linguagem, dos símbolos, das leis constituintes da civilização de acordo com aqueles grupos nos quais estão inseridos, pois estes elementos compõem o espaço familiar. Da mesma forma, podem receber em seu psiquismo aspectos originados de sentimentos de culpa, fantasias, desejos, recalcamientos, lutos não-elaborados, condições narcísicas, os quais podem ser estranhos e desconhecidos, tornando-se irrepresentáveis, mas também permeando as relações (Kaës, 1998; Silva, 2003; Pinheiro, 2008). A seguir serão discutidas as diferenças

⁹ Vínculo consiste em uma relação entre, pelo menos, dois Eus que delimita o espaço intersubjetivo, no qual o desejo circula em ambas as direções. (Trachtenberg, A. R. C.; Kopittke, C. C.; Pereira, D. Z. T.; Chem, V. D. M. & Mello, V. M. H. P., 2005).

¹⁰ A serem discutidos no tópico posterior.

entre estes elementos, por que uns se fazem apropriáveis enquanto outros permanecem alienados no psiquismo.

2.1 - Os tipos de transmissão psíquica e seus conteúdos

É possível que na maioria das dinâmicas grupais e familiares estejam presentes as duas modalidades de transmissão psíquica: intergeracional e transgeracional, as quais serão discutidas nesse tópico. Nesta pesquisa, a transmissão psíquica transgeracional terá ênfase maior por esta se remeter a conteúdos sem elaboração a serem transmitidos aos descendentes. Autores como Eiguer (1998), Kaës (2001), Correa (2003), Silva (2003) teorizaram sobre ambas as transmissões.

Correa (2000) definiu as transmissões intergeracionais como constituintes de ligações e transformações, pois há espaço para metabolização do material psíquico a ser transmitido para a próxima geração, sendo este já modificado. O descendente que herda este conteúdo favorece-se das mudanças que incitam uma diferenciação entre aquilo que se transmitiu e herdou; e apenas posteriormente torna-se adquirido.

Dessa forma, a transmissão psíquica intergeracional trabalha a favor dos vínculos, ainda que os acontecimentos possam ter sido traumáticos foram elaborados e simbolizados, constituindo representações psíquicas (Trachtenberg, 2005). Este tipo de transmissão proporciona aos sujeitos descendentes que constituam a própria subjetividade, modifique a história e apropriem-se de sua herança, diferenciando-se, assim, dos ancestrais da geração anterior (Correa, 2000). A este movimento dá-se o nome de identificação telescópica, no qual o sujeito encontra possibilidades para desenvolver sua singularidade (Trachtenberg, 2005).

Os conteúdos intergeracionais contidos no material de transmissão psíquica são compostos, de acordo com Silva (2003), de vivências psíquicas passíveis de elaboração

como, por exemplo, fantasias e identificações. Estas são organizadoras da história familiar do sujeito, da qual se extrai a essência das condições narcísicas, fundamentais para a formação do psiquismo, e para a constituição de um lugar particular, respeitando as diferenças entre as gerações.

A cultura também pode ser transmitida como conteúdo intergeracional pela via dos processos inconscientes, fazendo com que o sujeito herde conteúdos relativos às tradições, rituais, núcleo de pertinência, filiação, leis e práticas de determinada sociedade (Eiguer, 1998; Correa, 2000; Kaës, 2001; Trachtenberg, 2005) bem como a linguagem e os símbolos. Estes elementos são organizadores e estruturantes que se tornam referências tanto para o grupo no qual o sujeito está inserido desde antes de seu nascimento no imaginário dos pais.

Correa (2000) ainda acrescentou que as famílias são marcadas pelas histórias particulares. Estas são formadas por sujeitos que tem peculiaridades em suas histórias e se diferem de outros sujeitos e grupos. Adotando este raciocínio, então, as culturas abarcam as singularidades tanto dos grupos quanto de seus membros, sendo algo também externo a estes, já que existem civilizações distintas.

Contrariamente às condições estruturantes da transmissão psíquica intergeracional, para Correa (2000) as transmissões transgeracionais são compreendidas como alienantes, já que impossibilitam os sujeitos que herdaram os conteúdos de subjetivarem-se. Ou seja, não há benefícios em relação ao que se herda, já que o material psíquico está suspenso, portanto, não é possível elaborar e integrar os conteúdos, mantendo-se em estado bruto no psiquismo dos descendentes.

Estes, por sua vez, terão seus conteúdos psíquicos marcados pelo funcionamento da vida psíquica dos antepassados - os quais, os sujeitos das gerações posteriores podem nem ter conhecido, - mas, ainda assim, o psiquismo guardara registro de algum trauma. Dessa forma,

o psiquismo do descendente não é autônomo, pois sofreu influências de outros psiquismos que também não foram singulares em suas constituições (Correa, 2000).

O trauma pode cessar a transmissão intergeracional.

Portanto, passa a existir outra, dessa vez defeituosa, transgeracional, que ocorre através dos sujeitos, atravessando o psiquismo, invadindo-o violentamente, numa passagem direta de formações psíquicas de um sujeito a outro, de uma geração a outra, sem preservação dos espaços subjetivos ou intersubjetivos (Trachtenberg, 2005, p. 123).

Gomes e Zanetti (2009) também fazem suas contribuições em relação à transmissão psíquica transgeracional, definindo-a como aquela que contém os aspectos traumáticos, patológicos e sintomáticos que não são passíveis de modificações porque não há espaço de transcrição transformadora (Kaës, 2001). Aquilo que se transmite é relativo a eventos traumáticos passados que não tiveram representação, não puderam ser pensados devido, por exemplo, ao horror, vergonha e demais sensações despertadas por tais experiências.

Estes conteúdos que atravessam o psiquismo do outro podem ser transmitidos através de várias gerações, já que a transmissão transgeracional busca uma repetição das histórias colapsadas e coladas dos membros da família, fundando, dessa forma, a cadeia traumática transgeracional (Trachtenberg, 2005). Os materiais psíquicos inconscientes a serem transmitidos através de várias gerações, de acordo com Silva (2003), são os conteúdos transgeracionais que podem manifestar-se, por exemplo, através de sintomas dos sujeitos da família.

Tais conteúdos promovem “lacunas e vazios na transmissão, impedindo uma integração psíquica. Portanto, uma herança transgeracional é constituída de elementos brutos, transmitidos tal qual, marcados por vivências traumáticas, não-ditos, lutos não-elaborados”

(Silva, 2003, p. 30), segredos, histórias de violência, vazios, silêncios, negativo e falhas na simbolização¹¹ (Trachtenberg, 2005).

Estes materiais psíquicos resultantes da transmissão transgeracional constituem o objeto transgeracional, compreendido como aquele que se coloca como objeto de outro ancestral direto ou colateral de gerações anteriores, que provoca fantasias, identificações, interferindo na constituição das instâncias psíquicas dos membros da família (Silva, 2003). Falta representação a este objeto e este espaço de não-representação vai se constituindo insuportável para o sujeito, quanto mais este for impedido de compreender a origem daquilo que lhe foi investido.

Garcia e Penna (2010) acrescentam que o objeto da transmissão transgeracional manifesta-se como permanentemente intrusivo, o que impossibilita representar, elaborar, permanecendo alienado no que diz respeito àquilo que seu psiquismo herdou, onde a vivência traumática encripta-se. Este processo conduz o sujeito à denegação, à clivagem, à repetição, “ou seja, a inscrição de uma presença ausente não se deu, (...) impedindo a criação de estruturas necessárias para o estabelecimento de distâncias e de diferenças entre gerações” (p. 77).

Eiguer (1991), por sua vez, acrescentou que o objeto transgeracional faz relação com eventos traumáticos ou ainda moralmente repreensíveis, criando um vazio de representação que não possibilita acessar a palavra e o pensamento. O autor dividiu este objeto em três tipos: indulgentes, idealizados e fantasmas. Os primeiros exigem fidelidade edipiana enquanto que os segundos são imponentes, reclamam compensações, construindo sentimentos de dívida.

¹¹ Simbolização é a capacidade de representar através da formação de símbolos (Roudinesco, E.; Pilon, M., 1944).

O sujeito sente-se parasitado e paralisado pelo ascendente, os sentimentos de identidade individual e da família encontram-se abalados, existindo uma dificuldade em fazer o luto deste parente idealizado. Não há segredo, mas um desinvestimento e desligamento, um sentimento de culpabilidade, uma impressão de dívida, e uma identificação narcísica ao objeto. Desenvolve-se uma erotização de um destino familiar de falha, como uma herança inevitável (Pinheiro, 2008, p. 75).

Os objetos fantasmas¹², terceiro tipo de objeto transgeracional proposto por Eiguer (1991), referem-se aos vazios irrepresentáveis presentes no psiquismo dos descendentes, envolvendo algo cometido pelos ancestrais que se tornara um segredo. Esta categoria de objeto permanece como um corpo estranho no psiquismo do outro.

Todos estes aspectos relativos à transmissão psíquica transgeracional influenciam nas relações familiares e grupais, inclusive nas funções parentais, danificando a capacidade dos pais metabolizarem as ansiedades primevas do bebê, fornecendo condições, a partir destes primeiros traumas, para esta modalidade de transmissão psíquica instalar-se (Trachtenberg, 2005). Se não houver espaço para a criança diferenciar-se das figuras parentais com suas particularidades, ocorre a superposição de gerações, um fenômeno nomeado de telescopagem de gerações segundo Faimberg (2001).

A autora apontou que se há uma regulação narcísica de objeto com a presença dos mecanismos de apropriação¹³ e intrusão¹⁴ ocupando o espaço psíquico, o Eu permanece alienado na subjetividade do outro. Considerando um caso em que a criança esteja tomada

¹² Serão discutidos com mais detalhes em tópico posterior de acordo com a teoria proposta por Nicolas Abraham.

¹³ Neste mecanismo de regulação narcísica as figuras parentais apropriam-se da identidade positiva da criança através de identificação (Faimberg, 2001).

¹⁴ É outro mecanismo de regulação narcísica no qual as figuras parentais depositam na criança tudo o que eles rejeitam, estabelecendo um vínculo de ódio com este filho (Faimberg, 2001).

pela história dos pais da qual se tornou depositária, isso acontece devido às próprias figuras parentais apropriaram-se da subjetividade do filho de forma indevida. Assim, o sujeito torna-se refém das experiências dos ancestrais (Faimberg, 2001).

Kaës (1998) também discutiu a divisão originada da alienação que ocorre no psiquismo de um ou mais outros como um possível desdobramento da transmissão psíquica transgeracional. Assim, o sujeito que sofre a intrusão e a violência deste tipo de transmissão será nomeado, representado e situado em um lugar de acordo com o desejo dos porta-vozes do legado transgeracional daquele determinado grupo ou família.

Neste tópico, pode-se compreender os tipos de transmissão psíquica e os conteúdos a serem herdados em cada uma. No entanto, por que um segredo, por exemplo, pode ser mantido durante gerações, provocando repetição de um evento traumático? O que faz com que os membros da família integrem-se à dinâmica desta ainda que não sejam beneficiados pela herança psíquica?

2.2 - A transmissão psíquica e a constituição de alianças inconscientes do grupo familiar

Sabe-se que há alianças inconscientes nos vínculos intersubjetivos do grupo familiar. Nestes vínculos, o inconsciente “inscreve-se e se manifesta, muitas vezes, em múltiplos registros, e em várias línguas, de cada indivíduo e do próprio vínculo” (Kaës, 1998, p. 13), portanto, o aparelho psíquico de cada sujeito, a partir das identificações, vai adquirindo aspectos transmitidos uns dos outros, fazendo com que o inconsciente de um seja marcado pelo dos outros e vice-versa.

Eiguer (1998) teorizou que os processos de transmissão psíquica tendem a desorganizar os espaços intersubjetivos bem como os intrapsíquicos e, portanto, é necessário estabelecer alianças e pactos inconscientes para manter uma determinada organização.

Aulagnier (1975 citada por Eiguer, 1998) criou o conceito de contrato narcisista, um acordo inconsciente que dá suporte para que os investimentos libidinais de autoconservação continuem a existir para os sujeitos e o grupo em que eles estão inseridos. Dessa forma, a criança sofre imposições para compartilhar destes enunciados dos ancestrais, mantendo, assim, a continuidade das gerações e a identidade familiar, ainda que isso possa prejudicar a integridade psíquica e somática deste descendente.

Além de assegurar os investimentos libidinais dos pais em relação aos filhos, o contrato narcisista também engloba o fator social que influencia neste investimento a ser realizado, no qual se encontra a demanda do grupo familiar pela manutenção das leis de acordo com a cultura da qual participam. (Aulagnier, 1979 citada por Garcia e Penna, 2010) Então, desde a primeira relação do bebê com sua mãe há transmissão de aspectos culturais que marcam, sem dúvidas, a constituição do sujeito e o modo como este se insere na sociedade. Este processo é representante da face positiva do pacto denegativo (Kaës, 2005).

Considerando que os sujeitos já nascem integrados a um primeiro grupo: a família, Kaës (2005) definiu pacto denegativo como uma aliança inconsciente estabelecida de forma impositiva que se faz presente na origem nuclear das famílias e do que está intrinsecamente relacionado a estas. O pacto denegativo apresenta duas polaridades que intervêm na formação do sujeito: a positiva representada, como descrito acima, pela cultura e leis da sociedade, podendo funcionar como um organizador do laço intersubjetivo a favor do desenvolvimento da subjetividade a partir dos investimentos e identificações; e a negativa.

A face negativa do pacto denegativo (Kaës, 2005) baseia-se em um mecanismo defensivo que diz respeito a recalamentos, recusas, aspectos sem representação e não passíveis de transformação e elaboração que, logo, irão ressurgir e retornar por meio de criptas psíquicas que alheiam o sujeito da própria história. Portanto, os pactos denegativos

também sustentam os mecanismos de recalçamento e repetição, estando relacionados às identificações alienantes e à transmissão psíquica transgeracional (Garcia e Penna, 2010).

Assim como os mecanismos de repetição, Correa (2003) acrescentou que o silêncio das rupturas dos vínculos geracionais, que acontecem devido a situações de sofrimento, também contribui impedindo a continuidade dos processos de simbolização, formando os segredos, os não ditos a serem transmitidos como herança psíquica para aquele que ocupar o lugar de depositário na sucessão das gerações.

Há famílias, de acordo com Rosa (2001), em que os integrantes supõem que é possível construir um futuro independente do passado - justamente o que estanca a transmissão - e que esse passado, quando penoso, deve ser apagado, esquecido, uma vez que a sua revelação poderia ser traumatizante para o filho. Supõem também que só se transmite o que se diz e que, portanto, deve-se - com esse dizer - passar a idéia de um mundo harmonioso e bem sucedido, para que os filhos tenham bons exemplos em que se espelhar e sintam-se felizes (p. 125).

Dessa forma, há tentativas de tamponar as falhas, como se fosse possível excluir os materiais inconscientes, devido às figuras parentais ou seus ancestrais não suportarem, por uma gama de razões, entrar em contato com estas e reconhecê-las (Rosa, 2001). Diante destas faltas de representação, nomeação e construção de sentidos, os segredos e não ditos vão sendo compostos.

A fundamentação da transmissão psíquica não ocorre nas palavras, mas sim nos desejos dos outros, a partir dos quais acontecem as identificações que, em se tratando de transgeracionalidade, se dão a partir de modelos não simbolizados. Passa a repetir-se algo do desejo, sem elaboração, construído como não-dito no discurso das figuras parentais. Este silêncio pode, então, realizar uma dupla função de alienação: o sujeito fica preso ao

narcisismo, além de participar desta aliança inconsciente da família que pode aprisioná-lo em experiências - as quais ele desconhece - e defronta-se com lacunas (Rosa, 2001).

Outro tipo de aliança inconsciente que interfere nos processos de transmissão psíquica são os mitos familiares, os quais, de acordo com Ferreira (1963 apud Henriques e Gomes, 2005) são compreendidos como crenças compartilhadas inquestionáveis relativas aos sujeitos da família, seus papéis e atribuições em suas trocas. A função do mito familiar seria manter o grupo em concordância e, diante deste equilíbrio homeostático, fortalecer os papéis de cada um.

Eiguer (1998) definiu o mito familiar como relatos e histórias que são transmitidos há gerações, o que auxilia na estabilidade do grupo, tornando-as inquestionáveis. No entanto, quando algum sujeito da família duvida de um mito, outra instância mítica instaura-se, em circunstâncias suficientemente boas como, por exemplo, quando os vínculos intersubjetivos da família mantêm-se fortes, para que haja apropriações de novas situações.

Assim, entende-se que todas as dinâmicas familiares não vivem sem seus mitos, pois, para Henriques e Gomes (2005), a recusa deles seria uma forma de negar os vínculos de dependência e filiação. Porém, o mito familiar deixa de ser saudável quando se torna canônico, havendo uma recusa das possíveis modificações que cada sujeito acrescentaria na narração do mito de acordo com suas próprias fantasias e processos de simbolização. Se estas transformações não são permitidas, passado e presente, dentro e fora não se diferenciam, fazendo com que os mitos tornem-se transgeracionais, possivelmente originados de lutos que permaneceram sem representação.

2.3 - O trauma e suas interseções com a cripta psíquica e o fantasma

Neste momento, faz-se necessário aprofundar a discussão sobre o trauma psíquico. Sabe-se que, para Freud (1974/1939), os traumas são experiências ou impressões vivenciadas na infância. Se for desenvolvido um caráter positivo, há uma tentativa de revivê-lo através da compulsão à repetição; se houver um caráter negativo, permanece a presença de um corpo estranho no psiquismo do sujeito.

2.3.1 - O trauma a partir de Ferenczi

Freud construiu a teoria do trauma e depois fez sua reformulação frente à questão da realidade psíquica, da fantasia e da sexualidade. Ferenczi (1933) retomou a primeira teoria do trauma de Freud em *Confusão de línguas entre adultos e criança*. Para ele, o trauma origina-se diante do acontecimento de um evento real e do desmentido por parte de um adulto que é o modelo, geralmente, com o qual a criança vai se identificar. As situações de violência sexual, assim como outras que não são o foco deste trabalho, também podem ser discutidas a partir destas formulações do autor.

Enquanto a sexualidade infantil organiza-se como linguagem da ternura, a linguagem do adulto é da ordem da paixão (Ferenczi, 1933). Sendo assim, a criança tem um prazer lúdico em suas brincadeiras, inclusive naquelas de faz-de-conta, nas quais podem representar seus romances familiares (Freud, 1974/1909); o adulto, por sua vez, tem sua organização libidinal constituída pelo agir em busca do prazer e, portanto, o que vai distinguir uns sujeitos dos outros é se há barreira psíquica diante das interdições impostas pela cultura (Freud, 2012/1913). Então, para haver uma situação de violência sexual, na qual se tem crianças e

adultos envolvidos, é necessário considerar que o violentador¹⁵ faz com que os desejos dele predominem sobre a criança.

A confusão de línguas não se limita apenas a este choque de erotismos diferentes e incompatíveis da criança e do adulto. Além disso, a criança sente-se confusa em relação ao que ela precisa do adulto e é surpreendida por este imprevisto, o que faz com que ela não tenha confiança nem segurança neste por ele não ter respeitado suas necessidades de ternura. “Se, no momento desta fase de ternura, impõe-se à criança mais amor ou um amor diferente do que deseja, isto pode proporcionar as mesmas consequências patógenas que a privação de amor” (Ferenczi, 1933, p. 353).

Porém, não é somente a violência em si que caracteriza o trauma como patogênico, mas sim o que Ferenczi (1933) denominou como desmentido - situação esta em que a criança é desautorizada diante de um adulto para o qual fez denúncia da violência sexual, tendo como resposta o silêncio ou ainda a negação do fato. Este desmentido faz com que meninos e meninas não atribuam sentido ao acontecimento violento. Precisa-se de um terceiro que acolha o sofrimento da criança, auxiliando a construção de um sentido, já que não há como fazê-lo sozinha com seus recursos psíquicos por estes estarem ainda em desenvolvimento.

Ferenczi (1933) ressalta a violência sexual como um trauma de forte registro que o desprazer é muito mais excessivo do que aquilo que se consegue representar. É uma dor sem conteúdo de representação, a qual, muitas vezes, torna-se inatingível pela consciência que não pode ser recalcada ou inscrever-se no inconsciente. Diante desta dor insuportável, que o autor também chama de estado de quase morte originado do choque traumático, a criança

¹⁵ Esta pesquisa não tem o propósito de argumentar questões relativas aos violentadores, sendo este um assunto complexo que necessita de estudos específicos para uma discussão aprofundada. Neste estudo, é relevante compreender que, em uma situação de violência sexual incestuosa, o violentador, que está inserido na família, tem total responsabilidade sobre seu ato de violência.

pode se identificar com seu violentador como estratégia, pois como não pode findar a situação de violência, ela cinde parte de si.

A criança faz uso de uma defesa denominada por Ferenczi (1933) como autoclivagem narcísica. “A identificação com o agressor é uma parte indissociável dessa clivagem, já que, enquanto um fragmento egóico é ocupado violentamente pelo agressor, tornando-se culpado e artificialmente amadurecido, o outro fragmento egóico fica oculto ou destruído” (Lejarraga, 2008, p. 122).

Lejarraga (2008) acrescentou que a cisão realizada pela criança não é apenas de dois fragmentos do ego que perdem sua coesão anterior e sim, de uma mutação em que as duas partes do ego são modificadas em sua totalidade. Isso acontece porque a criança que sofreu violência sexual tem sua necessidade infantil de ternura sacrificada, é uma parte dela que se autodestrói, lutando pela sobrevivência, aniquilando sua espontaneidade através do uso da clivagem. Em relação à parte sobrevivente, esta sofre uma invasão pelo sentimento de culpa do violentador, tornando-se sábia e amadurecida. Os fragmentos do ego ainda guardam uma relação entre si, pois a parte amadurecida se torna um bebê sábio - termo assim denominado por Ferenczi (1933) - que cuida da parte infantil e sensível.

Discutiu-se, neste tópico, a teoria do trauma de Ferenczi (1933) porque esta foi ponto de partida de discussão para outros psicanalistas como Abraham e Torok que ampliaram o trauma para a dimensão geracional, construindo a partir de situações traumáticas como o luto, por exemplo, os conceitos de cripta psíquica e fantasma, ambos fundamentais neste estudo de herança psíquica. Portanto, estes fazem parte da argumentação a ser desenvolvida no próximo subtópico.

2.3.2 - As contribuições de Abraham e Torok sobre o trauma e suas vicissitudes: a cripta psíquica e o fantasma

Abraham e Torok partiram da obra de Ferenczi (1933) sobre o trauma para formularem a deles. Estes autores concordam entre si com o aspecto do desmentido, explicitado acima, a partir do qual os adultos interditam não somente a fala da criança, mas também a possibilidade de pensar e significar múltiplos sentidos. Pois, na presença do mecanismo do desmentido, as palavras enclausuram-se, perdem a construção de novos sentidos, podendo se tornar representações não passíveis do processo psíquico de fantasiar.

No entanto, Abraham e Torok (1995/1972) divergem de Ferenczi em relação ao que este nomeou de identificação com o agressor. Para o casal de psicanalistas, o que ocorre, diante do trauma, é um bloqueio do trabalho introjetivo, considerado o motor da vida psíquica. E a partir desta irrupção das possíveis introjeções, a fantasia de incorporação passa a exercer uma função relevante, mas não saudável para o psiquismo do sujeito.

Laplanche e Pontalis (1992) diferenciam introjeção e incorporação, colocando que na Psicanálise, o limite do corpo é um modelo de separação entre um interior e um exterior. O processo de incorporação seria este envoltório corporal enquanto que a introjeção refere-se ao interior do aparelho psíquico.

Ainda sobre a introjeção, Torok (1995/1968), partilhando da teoria de Ferenczi, afirmou que esta faz relação com a expansão dos interesses auto-eróticos, além de proporcionar alargamento do Eu através de eliminação dos recalques e ainda auxilia na inclusão do objeto no Eu, transformando os investimentos da libido, antes auto-eróticos, para os objetos.

A introjeção realiza uma função da ordem do crescimento ao introduzir no Eu “a libido inconsciente, anônima ou recalçada” (Torok, 1995/1968, p. 222) para promover um

alargamento e, conseqüentemente, enriquecimento do Eu. A autora destacou que não se introjeta o objeto; este é, ao mesmo tempo, o contexto onde há o conjunto de pulsões e seus destinos e um mediador para o inconsciente.

Operando num vai-e-vem ‘entre o narcísico e o objetal’, entre o auto e o heteroerotismo, ela transforma as incitações pulsionais em desejos e fantasias de desejo e, conseqüentemente, torna-os aptos a receber um nome e cidadania e a se abrir no jogo objetal (Torok, 1995/1968, p. 222).

Assim, vão se abrindo as possibilidades de construção de representações, ampliando a vida psíquica do sujeito.

Prosseguindo a discussão sobre a introjeção, Abraham e Torok (1995/1972) explicaram que o início deste mecanismo acontece nos primeiros momentos após o nascimento do bebê. Para manifestar alguma necessidade à figura materna, o bebê chora, grita, comunicando-se para preencher “o vazio da boca”. Com a seqüência do desenvolvimento, a criança emite alguns sons, balbucia até surgir a linguagem propriamente dita, mas para que isto aconteça, faz-se necessária a presença de uma figura materna que possua uma linguagem que sustente o bebê.

Precisa-se ir preenchendo “o vazio da boca” com palavras que enunciem algo ao sujeito para que este, aos poucos, vá se inserindo na linguagem. Assim, as nomeações, as significações podem ir substituindo, gradativamente, a presença da figura materna, possibilitando o aparecimento de novas introjeções (Abraham e Torok, 1995/1972). À medida que se passa por experiências de palavras, estas vão se transformando em outras e assim, é possível relacionar-se com a comunidade falante, substituindo algumas faltas.

Introjetar um desejo, uma dor, uma situação, é fazê-los passar pela linguagem numa comunhão de bocas vazias. É assim que a absorção alimentar, no sentido próprio, se torna introjeção no figurado. Operar essa passagem é conseguir que a presença do

objeto dê lugar a uma auto-apreensão de sua ausência (Abraham e Torok, 1995/1972, p. 246).

Quando o processo de introjeção encontra obstáculos, a fantasia de incorporação faz-se presente, impedindo a elaboração constante das situações vividas pelo sujeito. De alguma forma, a boca foi impossibilitada de articular determinadas frases e atribuir sentidos às experiências, permitindo que fantasias sejam criadas para este algo sem nome. Assim, “o vazio da boca” por não poder ser preenchido com palavras, introduz “fantasisticamente, a pessoa inteira ou parte dela, como única depositária do que não tem nome” (Abraham e Torok, 1995/1972, p. 247). Ou seja, este algo construído imaginariamente toma o lugar que outrora deveria ser ocupado pelas palavras.

Abraham e Torok (1995/1972) distinguiram as fantasias comunicadas das fantasias incorporativas. As primeiras referem-se àquelas nas quais há um afeto apresentado à consciência, solicitando elaboração e significações. As fantasias incorporativas, por sua vez, remetem-se aos traumas que não são passíveis de representação e nomeação, e atuam como, por exemplo, formando sintomas, já que as palavras não ditas possivelmente fazem menção a um segredo vergonhoso.

As fantasias incorporativas constituem-se a partir de uma perda vivenciada no psiquismo do sujeito. Há uma pretensão de ratificar o que foi perdido de forma mágica. “É para não ‘engolir’ a perda que se imagina engolir, ter engolido, o que está perdido, sob a forma de um objeto” (Abraham e Torok, 1995/1972, p. 245). Na incorporação ocorrem a desmetaforização, compreendida como o entender conotativo de algo que tem sentido figurado; e a objetivação, na qual se foca na perda de um objeto porque não há sustentação possível para uma ferida do sujeito. Sendo assim, há uma recusa do luto e suas consequências.

Este luto inconfessável, a partir do qual se originou a fantasia de incorporação, é antecedido por um estado de Eu enclausurado devido a uma experiência vergonhosa. Este processo leva à construção de uma cripta psíquica, definida por Abraham e Torok (1995/1971) como uma zona clivada do Eu, pensando a partir de uma perspectiva tópica. A cripta ocuparia um lugar definido que não é o inconsciente, nem o Eu. Os autores colocam-na em um território entre estes dois últimos como se fosse um inconsciente artificial, instalado no próprio seio do Eu. A cripta visa interceptar que os conteúdos transitem entre o inconsciente e o Eu para que não alcancem o mundo exterior - consciência, fazendo com que o segredo vergonhoso permaneça inacessível.

Na cripta há um recalçamento conservador que se diferencia do recalçamento constitutivo ou dinâmico encontrado, por exemplo, na histeria (Abraham e Torok, 1995/1971). Nesta

um desejo nascido do interdito busca, em desvios, seu caminho e o encontra em realizações simbólicas, enquanto, no criptóforo, é um desejo já realizado e sem desvios que se encontra enterrado, incapaz que é de renascer, tanto quanto de se tornar pó. Nada poderia ter impedido a sua realização nem poderia fazer com que a lembrança dela se apague (p. 240).

Dessa forma, o passado permanece preso no presente do sujeito como um corpo estranho no psiquismo que não morre e nem volta à vida para que pudesse haver uma possível ressignificação.

Uma característica importante é que este conteúdo encriptado, de origem fantasmática ou real, não pode se manifestar em formas de palavras como se estas estivessem enterradas vivas na cripta, o que também se difere da histeria. Nesta, para Abraham e Torok, (1995/1971) há retorno de concretizações das mesmas palavras que recalçaram o desejo, ou seja, não houve realização deste em dado momento. Contrariamente, no sujeito criptóforo a

ausência das palavras tem algum valor de positividade, pois indica que o desejo foi realizado antes do enterro, não tendo cedido ao interdito como na histeria.

Abraham e Torok (1995/1972) afirmaram que não se forma cripta sem um segredo vergonhoso compartilhado de um feito de um objeto que desempenhava o papel de ideal do ego. A cripta permite que o sujeito guarde o segredo, encobrindo e anulando o efeito da vergonha, assumindo a significação própria das palavras relativas ao desejo realizado que precisa ser escondido.

É importante colocar que nem todas as perdas narcísicas têm como destino as fantasias de incorporação. Estas atuarão nas perdas que, por algum motivo, não podem ser confessadas, excluindo a possibilidade de introjeção e proibindo a significação de que se está inconsolável diante do objeto perdido. Dessa forma, há uma denegação profunda desta perda, “fingindo não ter tido nada a perder” (Abraham e Torok, 1995/1972, p. 248).

As palavras não ditas, as cenas não recordadas, as lágrimas não derramadas “serão engolidas, assim como, ao mesmo tempo, o traumatismo, causa da perda. Engolidos e *postos em conserva*. O luto indizível instala no interior do sujeito uma *sepultura secreta*” (Abraham e Torok, 1995/1972, p. 249). Os autores acrescentaram que o conteúdo da cripta, de alguma forma, precisa se reencarnar no sujeito e para tal ocorre uma identificação oculta e imaginária de uma criptofantasia, a qual devido às origens vergonhosas não consegue se mostrar claramente. Essa fantasia irá recair sobre o luto não elaborado da perda vigente.

Abraham e Torok (1995/1975) criaram, então, o conceito de identificação endocríptica que é um mecanismo específico “que consiste em trocar sua própria identidade por uma identificação fantasística com a ‘vida’ de além-túmulo do objeto perdido por efeito de um traumatismo metapsicológico” (p. 280). Assim, mantém-se a mesma função conservadora da fantasia de incorporação, fazendo com que o correspondente do objeto

perdido permaneça encriptado, reconstruído diante das lembranças de palavras, imagens e afetos.

Criou-se, assim, todo um mundo fantasístico inconsciente que leva uma vida separada e oculta. Acontece, entretanto, que, por ocasião das realizações libidinais, “à meia-noite”, o fantasma da cripta vem assombrar o guardião do cemitério, fazendo-lhe sinais estranhos e incompreensíveis, obrigando-o a realizar atos insólitos, infligindo-lhe sensações inesperadas (Abraham e Torok, 1995/1972, p. 249).

A partir desta citação, pode-se afirmar que o fantasma da cripta tem sua ação realizada sobre um outro enquanto a identificação endocríptica é relativa ao próprio sujeito. Se este outro é quem vai tentar, se possível, elaborar este fantasma patológico, outrora encriptado diante de uma perda narcísica, pode-se fazer uma associação com a transmissão psíquica transgeracional, na qual um descendente carrega um objeto estranho no psiquismo depositado por um ancestral.

Abraham (1995/1974) categorizou dois tipos de fantasma: o estruturante e o patológico, afirmando que a constituição de ambos está intrinsecamente ligada à relação do bebê com as figuras parentais e seus desejos. Para este autor, a primeira grande questão do sujeito consiste na introjeção da relação com a figura materna no início da vida que fornece ao bebê a possibilidade de diferenciar-se dela, além de ir adquirindo autonomia e apropriando-se da linguagem.

De acordo com Abraham (1995/1974), a criança partilha do inconsciente e consciente da figura materna, como se este também fosse dela, através das palavras e gestos desta que o autor compreende como pedaços-de-mãe. Quando estas palavras descentram-se da figura materna, ampliando-se para o mundo, a criança está adquirindo linguagem falada. O autor explicou esta questão através do jogo do carretel (*fort-da*) (Freud, 2010/1920) descrito no capítulo 1 desta dissertação.

A criança, ao colocar em palavras a presença e a ausência da figura materna, recalca o inconsciente desta que até então também era o seu, pois a linguagem vai se voltando para os outros objetos do mundo exterior. Dessa forma, a fala que é um instrumento de ligação, também auxilia na separação da criança e da figura materna (Abraham, 1995/1974), ou seja, ao mesmo tempo em que o bebê utiliza-se da comunicação verbal para o contato com a mãe, ele também faz uso da fala para ampliar o seu mundo, comunicando-se com os demais objetos, separando-se da figura materna. Conseqüentemente, essa dupla função da palavra possibilita simultaneamente sua utilização como interdito e também como realização do desejo.

Para Abraham (1995/1974) a repetição da brincadeira, considerando a implicação do instinto de morte (Freud, 2010/1920), é um modo de evitar o retorno do fantasma. No entanto, não há como a criança desvencilhar-se completamente deste, pois o inconsciente parental permanece atuando na fala do filho e no seu inconsciente em formação. Este fantasma discutido, neste momento, é do tipo estruturante que se refere à presença do outro dentro de si, imprescindível para a constituição da vida psíquica.

Para que o bebê desenvolva-se também psiquicamente, é necessário que haja investimentos libidinais das figuras parentais em relação aos filhos somados aos desejos deles, que realizados ou não, serão introjetados pelo recém-nascido. Se a criança consegue se apropriar do inconsciente parental e a constituição de seu psiquismo continua a progredir, com representações e elaborações, Abraham (1995/1974) compreende que houve uma introjeção do fantasma estruturante.

Entretanto, se este desejo das figuras parentais é rompido por alguma omissão no dizer, o mecanismo de introjeção sofre alterações, pois existe um segredo, algo atormentador, em torno do qual este desejo foi organizado. Assim, a criança passa a lidar com este obstáculo que dificulta a constituição do seu lugar no grupo familiar, facilitando o

aparecimento de condutas dela estranhas a ela mesma. Este é o processo que pode levar à estruturação do fantasma patológico ou alienante (Abraham, 1995/1974).

O fantasma é uma formação do inconsciente que tem a particularidade de não ter nunca sido consciente - e com toda a razão -, e de resultar da passagem - cujo modo resta determinar - do inconsciente de um dos pais ao inconsciente de um filho. O fantasma tem manifestamente uma função diferente da do recalcado dinâmico. Seu retorno periódico, compulsivo e que escapa até a formação dos sintomas (no sentido do “retorno do recalcado”) funciona como um ventríloquo, como um estranho com relação à tópica própria do sujeito (Abraham, 1995/1975, p. 394).

Abraham (1995/1975) acrescenta que o fantasma faz oposição à introjeção, ou seja, não há apreensão das palavras. Porém, outras palavras, percebidas pelas crianças no que se refere a uma das figuras parentais, são as mesmas que provocam o retorno do fantasma. Estas indicam uma lacuna no dizível e não algo que se remete ao campo do que pode ser nomeado. Estas palavras “desempenham, portanto, na tópica do pai ou da mãe, esse papel crucial que havia arrancado de seus propósitos certas raízes libidinais” (p. 394).

Pode-se acrescentar às condições mencionadas acima para o nascimento de um fantasma que este é convocado em um momento no qual a lacuna, transmitida no próprio sujeito, irrompe o caminho da introjeção, impossibilitando a significação das palavras. O surgimento do fantasma relativo àquilo que tem valor de ferida narcísica para uma das figuras parentais tem seus efeitos sobre os descendentes (Abraham, 1995/1975).

Este mesmo autor ainda acrescentou que há “instalação no inconsciente dinâmico de um ou vários ‘estrangeiros’ que se manifestam não pelo sintoma-símbolo histérico, mas pela *possessão*, forçando o sujeito a condutas reacionais não diretamente simbólicas, que tem por finalidade reduzir, pelo menos momentaneamente,” (p. 371) os traumatismos que

despertaram o surgimento deste fantasma patológico, porém só é possível enganá-lo ou paralisá-lo temporariamente.

O trabalho do fantasma, de acordo com Abraham (1995/1975) serve ao instinto de morte (Freud, 2010/1920). Ele não tem energia própria, não sofre ab-reação, além de continuar sua obra de desligamento em silêncio. Sustenta-se pela omissão de palavras que causam irrupções na coerência dos encadeamentos. O fantasma patológico ainda “é fonte de repetições indefinidas, não dando, na maioria das vezes, nem mesmo ocasião à racionalização” (Abraham, 1995/1975, p. 395). Devido a não-integração das palavras ocultas do fantasma no aparelho psíquico, possivelmente ele vai gerando as repetições encontradas nos mais diferentes quadros, sintomas ou acontecimentos.

A partir destas considerações e conceitos teóricos explicitados, é possível pensar que o fantasma é transmitido pela via transgeracional. Eiguer (1995) compreende este como uma representação do objeto transgeracional. Para este autor, o fantasma refere-se a um ancestral que cometeu um ato recriminado por todos ou silenciado como um segredo. O investimento libidinal deste antepassado absorve o funcionamento do aparelho psíquico do sujeito, impossibilitando este de pensar. Pois, não há espaço para refletir sobre estes pensamentos que se referem ao segredo, então estes podem retornar em algum formato.

Sabe-se que em toda família ocorrem os processos inconscientes de transmissão psíquica, nos quais os conteúdos inter e transgeracionais permeiam as gerações. Considerando que não houve irrupção da transmissão dos objetos transgeracionais, através da simbolização e elaboração destes, é possível pensar a constituição de diversos sintomas dada a partir de segredos encriptados por um sujeito que sofreu uma perda não nomeada, não significada que pode retornar como um fantasma - que nunca foi consciente - em uma próxima geração.

3 - A FAMÍLIA E A VIOLÊNCIA SEXUAL INCESTUOSA

A Literatura, muito antes do surgimento da Psicanálise, já problematizava as questões humanas e, assim como as demais artes, tem muito a ensinar sobre a subjetividade humana. Há uma via de acesso em comum relevante tanto nas artes quanto na Psicanálise, seja na análise de um paciente ou de personagens de uma obra literária ou cinematográfica, para desvelar conteúdos e atribuir-lhes significados: a via da interpretação.

Freud (1974/1908) buscou fazer relações dos jogos e das brincadeiras de crianças com o caráter imaginativo do artista. A criança cria um mundo novo, ajustando os novos elementos deste enquanto que o artista inventa um mundo de fantasia, também realizando investimentos libidinais como a criança, mas fazendo distinção da realidade. Diante desta comparação, Freud ponderou que as criações dos artistas poderiam ser deslocamentos do brincar infantil.

Para introduzir o assunto do incesto tem-se a seguir um trecho de *Noite na Taverna*, livro dividido em contos originalmente publicado em 1855, de Álvares de Azevedo, escritor da segunda geração romântica da literatura brasileira:

Arnold tomou a lanterna. ‘– Johann! Morto! Sangue de Deus! Quem o matou?’
‘Giorgia. Era ele um infame. Foi ele quem deixou por morto um mancebo a quem esbofeteara numa casa de jogo. Giorgia, a prostituta vingou nele Giorgia, a virgem. Esse homem foi que a desonrou! Desonrou-a, a ela que era sua irmã!’ ‘- Horror! Horror!’ (Álvares de Azevedo, 1998, p. 89).

O livro é composto de temas que abrangem o dualismo amor e morte como, por exemplo, na cena descrita acima, na qual aconteceram assassinatos após a descoberta de um ato incestuoso. Johann é o conto destacado aqui, no qual o incesto e o fratricídio são os assuntos que constroem a trama, revelada pela personagem principal de nome idêntico ao

título, na taverna em que o grupo de jovens amigos havia se reunido. Johann participara de uma luta de armas que foi proposta por outro homem e saiu vitorioso com o assassinato deste. Em seguida, pegou os papéis que estavam em seu bolso: uma carta para a mãe e um bilhete que relatava sobre um encontro com uma mulher.

Johann, usando a aliança do homem assassinado, foi a este encontro às escuras e teve relações sexuais com a mulher sem saber sua identidade. Ao sair deste encontro, ainda na escuridão, Johann foi atacado por um rapaz, com o qual lutou até matar. Ao levar o corpo para um local iluminado, ele pode se deparar com o próprio irmão morto. O rapaz havia cometido um fratricídio. No momento seguinte, ele entrara novamente no sobrado, constatando que a moça com quem tivera relações sexuais era sua irmã, então desmaiada por ter se assustado com a luta. Anos depois, na taverna, Giorgia, a irmã de Johann que virara prostituta, mata-o, suicidando-se em seguida.

O incesto é um assunto discutido por Freud (2012/1913) em *Totem e Tabu* (vide capítulo um desta dissertação) a partir do mito da horda primeva. Como mencionado anteriormente, o próprio bando, após a morte do pai, estabeleceu o que viria a serem os dois pressupostos fundamentais para a constituição da civilização: não matar o pai, o qual seria uma espécie de totem, objeto intocável, e não ter relações sexuais com alguém da mesma família, ou seja, a proibição do incesto.

Conhecendo os dois princípios primordiais para a manutenção da civilização, o conto *Johann* é retomado para dizer que como o incesto ocorreu, um tabu foi quebrado. É interessante apontar que todas as personagens da família inseridas na história morreram, o que sugere uma representação figurativa do extermínio da civilização, na qual os desejos incestuosos devem ser barrados, causando o mal-estar necessário, para a própria preservação e sobrevivência desta enquanto grupo.

É importante considerar também que se proibições fazem-se necessárias, tais prerrogativas denunciam o desejo, conforme premissa freudiana em *O mal estar na civilização* (2010/1930). O desejo incestuoso estaria presente em todos os sujeitos, afinal, a primeira relação da criança toma a figura materna como objeto de amor, iniciando, dessa forma, o que o autor denominou Complexo de Édipo, elemento inconsciente que também compõe a dinâmica familiar.

3.1 - Compreendendo o grupo familiar

Neste momento, faz-se necessária uma argumentação sobre o grupo familiar, sua dinâmica e os elementos que permeiam sua constituição. Primeiramente se discutirá o conceito de família e o contexto, considerando que suas configurações foram se modificando ao longo da História até chegar à família contemporânea.

Roudinesco (2003) distingue três grandes períodos na evolução da família antes da família da contemporaneidade se formar. Inicialmente, tinha-se a família denominada tradicional, caracterizada, principalmente, por assegurar a transmissão de patrimônio e, para tanto, os casamentos eram tratados pelos pais, realizados em idade precoce, desconsiderando vida sexual e afetiva do casal. Encontra-se esta família inserida na lógica da autoridade patriarcal.

Ainda segundo Roudinesco (2003), a família definida como moderna foi fundada no amor romântico, admitindo sentimentos recíprocos e desejos carnavais através do casamento. Além disso, prioriza a divisão do trabalho entre cônjuges enquanto que a educação do filho é dever da nação, o que faz com que a família moderna tenha como autoridades maiores tanto o Estado quanto os pais.

A família designada como contemporânea ou pós-moderna, a qual aparece depois da década de 1960, tem sua constituição realizada quando dois sujeitos desejam relações íntimas ou realização sexual. Considerando que divórcios e recomposições conjugais crescem em número significativo, a transmissão da autoridade é algo que se torna cada vez mais incerta. Roudinesco (2003) acrescenta que devido a essas mudanças uma abordagem estrutural dos sistemas de parentesco teve sua prática iniciada pela sociologia, antropologia e psicologia, o que resultou em considerar as funções simbólicas.

À família autoritária de outrora, triunfal ou melancólica, sucedeu a família mutilada de hoje, feita de feridas íntimas, de violências silenciosas, de lembranças recalçadas. Ao perder sua auréola de virtude, o pai, que a dominava, forneceu então uma imagem invertida de si mesmo (Roudinesco, 2003, p. 21).

Sabe-se que através da identificação e constituição dos vínculos intersubjetivos, o meio no qual a família está inserida influenciará na construção da identidade, valores, crenças assim como na construção da história de cada sujeito.

Lévi-Strauss (2009) considera o sistema de parentesco como um conjunto de estruturas de parentesco de natureza elementar. Encaixam-se nestas famílias elementares o conjunto formado pelo homem a mulher e seus filhos e filhas, abrangendo três tipos de vínculos ou relações familiares: de consangüinidade, entre irmãos; a relação de aliança, entre cônjuges; e a relação de filiação, dada entre progenitores e filhos.

Discutindo sobre o sistema de parentesco, Lévi-Strauss (2009) aponta que há duas divisões deste, sendo que o primeiro subsistema é composto de expressões que definem a relação de parentesco como, por exemplo, pai, mãe, filho, irmã, tio enquanto que o outro engloba os sentimentos positivos assim como os negativos, os quais resultam em atitudes. Um subsistema recobre o outro, pois em cada relação intrafamiliar incluem-se atitudes prescritas ou proibidas e, diante disso, em diversas famílias, mostram-se, no plano manifesto,

as atitudes permitidas enquanto que as outras tomam o lugar latente, existindo inconscientemente.

O sistema familiar, então, é uma estrutura inconsciente, segundo Lévi-Strauss (2009), presente no grupo familiar, na qual modelos e regras são construídos, mantendo alguns conteúdos reprimidos. Tal estrutura é dinâmica, portanto, atualiza-se comumente, por exemplo, em situações de crise, quando a família está por sofrer transformações bem como desequilíbrios devido ao vínculo já formado.

Vínculos, para Matias (2006), são quaisquer relações afetivas, independente da qualidade do afeto, então este pode ser amoroso, protetor ou destrutivo, dependente - exemplos entre diversas características. E ainda que uma família se encontre em determinada situação, o significado desta é peculiar para cada sujeito que a compõe, afetando cada um de formas diferentes, considerando ainda as funções simbólicas, além de aspectos históricos, sociais e culturais, seja qual for a configuração familiar.

Diante do que foi explicitado, é possível definir, o grupo familiar como um sistema de relações entre duas famílias. “A família enquanto sistema de relações assenta-se na proibição do incesto como regra fundante reguladora do intercâmbio dentro do grupo familiar e desta com outras para renovar o parentesco” (Berenstein, 1988, p. 35) através de uma nova relação de aliança. Para se ter a constituição de um sistema familiar, precisa-se, no mínimo, de duas famílias ligadas por vínculo de aliança para que assim forme outra família, um novo sistema.

Berenstein (1988), baseando-se em conhecimentos de lingüística, aponta que o signo - aquilo que tece uma relação entre significado e significante, reordenada conforme o contexto - é compreendido a partir do sistema e das relações deste, considerando que não é a soma dos indivíduos que permite agrupar os sujeitos em um sistema, mas sim o conjunto das relações entre seus componentes, quem é o determinado e o determinante.

Considerando a diferenciação de língua e fala no sistema proposto por Saussure na área de lingüística, Berenstein (1988) entende, na família, a língua como o conjunto de regras inconscientes que regem a dinâmica familiar enquanto que a fala seria as ações de cada sujeito diante desta estrutura inconsciente. E para se firmar uma regra inconsciente, necessita-se de, no mínimo, uma dupla de sujeitos.

Para Berenstein (1988) também é inconsciente a determinação histórica que funda a estrutura do grupo familiar. Os núcleos históricos

consistem em expressões verbais mantidas através do tempo, símbolos, mitos familiares, todos integrantes da cultura familiar. Estas formações conservam-se, às vezes, desde tempos longínquos e estão dotadas de uma forte coesão (Berenstein, 1988, p. 63).

E, assim como as fantasias, as lembranças encobridoras de histórias não-elaboradas, herdadas psicologicamente, permanecem na estrutura inconsciente da família, ainda que frequentemente causem incongruências colocadas perante a organização familiar.

De acordo com Eiguer (1985) diversos fatores compõem a dinâmica familiar. Esta “implica a referência aos objetos dos avós, a um conluio fantasmático entre seus membros, como resposta às angústias tais como a incerteza, a perda, a penetração, a castração” (p. 25). Tanto nas famílias assim como em outros grupos humanos os fantasmas originários perpetram sem cessar por gerações.

Enquanto a estrutura familiar estabelece o unificador, implícito, ou seja, o que é inconsciente, as relações da família formam o que é diverso, explícito e perceptível pela consciência (Berenstein, 1988). Ainda é interessante ressaltar que o modo como cada um constitui-se é a partir do significado compreendido através dos signos, pois as relações familiares, bem como os elementos inconscientes presentes na dinâmica psíquica familiar - em constante movimento a reger os grupos, - afetam os sujeitos de formas diferentes.

Portanto, as relações intrafamiliares não são necessariamente saudáveis e éticas, podendo partilhar de diversas situações destrutivas como, por exemplo, violência sexual incestuosa - assunto desta pesquisa.

É importante acrescentar que os atos dos sujeitos, estando ou não em situação de grupo, tem sua origem no sistema inconsciente do psiquismo e entende-se por inconsciente concepções latentes das quais a consciência não tem alcance, o que não impede a atividade e intensidade destas (Freud, 2010/1912).

3.2 - Complexo de Édipo e incesto: um par de opostos

O Mito de Édipo foi composto a partir das peças *Édipo Rei*, *Édipo em Colono* e *Antígona*, escritas por Sófocles, dramaturgo grego. Freud foi o pioneiro a tomar este mito como base para construir a teoria do Complexo de Édipo. Posteriormente outros psicanalistas como Melanie Klein e Jacques Lacan, do mesmo modo, ofereceram suas contribuições a respeito deste assunto.

Introduz-se aqui O Mito de Édipo, a partir de *O livro de ouro da Mitologia* (2002) de Thomas Bulfinch. O mito discorre sobre Laio, o rei de Tebas, o qual fora alertado por um oráculo que correria perigo de vida se o filho recém-nascido vivesse. Ele entregou o bebê a um pastor, ordenando que este o matasse. Este não fez o que foi mandado, amarrando a criança em uma árvore, na qual foi encontrada por um casal que o adotou, nomeando-o de Édipo.

Anos depois Laio e seu servo são assassinados por Édipo que tivera um de seus cavalos morto pelo servo do rei em uma estrada estreita em que ambos queriam passar simultaneamente e o rei ordenara que Édipo saísse do caminho. Em seguida, chega um monstro à cidade de Tebas, a Esfinge, que não deixava as pessoas passarem pelas estradas

sem decifrar o enigma. É proposto, então, um desafio a Édipo que consegue acertar, assim adentrando a cidade de Tebas enquanto a Esfinge humilhada se jogara de um rochedo alto.

O povo de Tebas, em um ato de gratidão pela libertação da cidade, entregou a rainha Jocasta a Édipo para se casarem. Ele, que não conhecia os progenitores, além de ter assassinado o próprio pai, casou-se com a mãe. Em consequência destes atos, Tebas foi assolada por uma peste, e quando mais tarde foram consultar o oráculo que revelara os crimes de Édipo. Jocasta suicidou-se enquanto que Édipo enlouquecido furou os olhos, fugindo da cidade, abandonado por todos, exceto pelas filhas que o seguiram até quando sua peregrinação termina.

Das inúmeras apreensões que podem ser feitas em relação a este mito, é possível pensar que Édipo fica condenado a uma vida miserável até o fim de seus dias. Além disso, é possível pensar que houve uma condenação de toda a família a um fim trágico, incluindo as gerações posteriores como Sófocles conta em *Antígona*. E esta tragédia, a qual é constituída por muitas mortes, pode ser associada à violação dos tabus que constituem as leis fundamentais para existência da civilização.

A importância em discutir sobre o Complexo de Édipo e, portanto, a inserção do mito neste capítulo, é devido à relação intrínseca que este estabelece com o incesto, o qual pode ser considerado o avesso do Édipo. O primeiro investimento libidinal do bebê, independente do sexo, é dirigido à figura materna, sendo este um desejo incestuoso. Sendo assim, faz-se necessária a presença da lei simbólica imposta à criança juntamente com a castração para que o processo edípico desenvolva-se. Caso contrário, a falta da lei introjetada contribui para que o incesto aconteça.

Freud (2011/1923), em *O eu e o id*, escolhe o menino como exemplo para explicar o processo do Complexo de Édipo. A partir do próprio seio materno, os garotos dirigem às mães um investimento libidinal, desejo incestuoso, enquanto que tentam apoderar-se da

figura do pai por via da identificação. Essas relações com ambos coexistem por algum tempo até o momento em que os desejos sexuais com relação à mãe intensificam e o pai é tomado como obstáculo para a realização destes.

O menino deseja substituir o pai, tomando seu lugar perante a mãe diante de seus anseios libidinais. No entanto, quando o pai impõe à lei ao filho, mostrando que não é possível a realização do desejo sexual dele para com a mãe, dá-se início ao processo de castração que faz a criança temer a perda do falo, o qual pensa, de forma onipotente, ter. O temor à castração faz-se necessário para a não infração da lei e, então, o garoto se vê diante do impasse de ter que desistir do investimento libidinal direcionado à mãe, identificando-se com ela.

Pode-se entender, ainda segundo Freud (2011/1924), em *A dissolução do Complexo de Édipo*, somado ao exemplo supracitado, que há uma universalidade dos desejos de amor e ódio da criança em relação aos pais e que a passagem pelo complexo edípico direcionará o sujeito a identificações que determinam posteriores escolhas objetais para investimentos libidinais.

E, na concepção freudiana, para que este processo edípico aconteça, seriam necessários três elementos: a necessidade de uma figura materna e uma figura paterna para que a criança realize seus investimentos libidinais e identificações; o desejo de morte que a criança sentirá em relação à figura parental do mesmo sexo; e ainda, a existência do desejo de tomar o lugar das figuras parentais, casando-se com aquela de sexo oposto.

O Complexo de Édipo, também denominado complexo nuclear, é a base etiológica das neuroses, além de ser constituinte na inserção do sujeito na cultura. Laplanche e Pontalis (1992), que colocam o Complexo de Édipo como fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano, definem-no como um

conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob a sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo (p. 77).

Ainda sobre o Complexo de Édipo, Guimarães e Celes (2007), a partir da teoria Freudiana, colocam que um desdobramento deste seria a internalização do superego, a qual é imprescindível na constituição psíquica da criança e ocorre por meio do mecanismo de identificação. Através desta o sujeito vai se formando, modificando-se pela assimilação de características daqueles que fazem parte de seus grupos de convívio social, incluindo a família. Estes mesmos autores afirmam que as tendências libidinais, dirigidas pela criança às figuras parentais, são dessexualizadas pelo mecanismo de identificação e o superego passa a ser o herdeiro da vinculação afetiva importante na infância que é a relação entre pais e filhos.

Para Eiguer (1985), outro aspecto importante a ser ressaltado em relação ao Complexo de Édipo e suas dissoluções é o fato de ele ser considerado como primeiro organizador do grupo familiar, assim constituindo o motivo para este ser social, já que, diante dos desejos incestuosos e suas proibições, a família prepara o sujeito para investir libidinalmente em outro vínculo, originando outra formação familiar.

Ainda de acordo com Eiguer (1985), as escolhas objetais podem ser de diversos tipos e quando os cônjuges “se escolhem”, o objeto inconsciente de cada um se entrecruza com o do outro e estes dois objetos reunidos fundam *um mundo objetal partilhado*, criando uma nova dimensão organizadora. “Se o primado do Édipo ‘domina’ o grupo de cônjuges (...)

trata-se de representação de objetos inconscientes e também de representações dos *vínculos entre os objetos*” (p. 32).

Eiguer (1985) considera três tipos destas representações - tomando o rapaz como exemplo: representação da mãe, associada à parceira; do pai, objeto de identificação do filho; do *vínculo pai-mãe*, ou seja, da relação dos pais como casal - como interação, desejam um ao outro - associada e reproduzida na relação rapaz-moça. De modo similar, porém invertido, acontece o mesmo com a mulher.

3.2.1 - Os romances intrafamiliares edípicos

Dentre os mecanismos inconscientes que permeiam a dinâmica de uma família é relevante destacar os romances intrafamiliares, os quais envolvem as fantasias das crianças em relação às figuras parentais e a partir disso o modo como elas vão se organizando psicologicamente.

Freud (1974/1909), em *Romances familiares*, aponta o modo pelo qual as fantasias eróticas e hostis das crianças vão acontecendo e se organizando em relação às figuras parentais em uma família neurótica. Os pais são as primeiras fontes de autoridade e conhecimento com as quais as crianças convivem e, assim, o desejo mais intenso dos pequenos é tornar-se igual ao progenitor de mesmo sexo.

Quando vão crescendo, conhecendo pais de outras crianças, podem preferir estes aos seus. Sem dúvida, os impulsos mais intensos da rivalidade sexual bem como outros aspectos cooperam para que isso aconteça. Freud (1974/1909) acrescenta que o sentimento de negligência é algo que contribui para tal, considerando que realmente há situações em que a criança é negligenciada, mas também há aquelas que ela apenas pensa sofrer negligência, prioritariamente na questão da divisão do amor dos pais com os irmãos.

Para Freud (1974/1909), o momento seguinte na continuidade do afastamento da criança neurótica de suas figuras parentais, que teve seu início como descrito acima, denomina-se como “romance familiar do neurótico” (p. 244) e acontece em uma época que o infante ainda não tem conhecimento dos determinantes sexuais da procriação. Quando a criança distingue os papéis representados por seus pais e mães nas relações sexuais, colocando o pai como incerto e a mãe como sempre correta, acontece uma limitação interessante no romance familiar: exalta-se o pai enquanto que não há mais dúvidas sobre a origem materna.

“Esse segundo estágio (sexual) do romance familiar sofre o influxo de um outro motivo que está ausente do primeiro estágio (assexual)” (Freud, 1974/1909, p. 245). Dessa forma, as fantasias da criança passam a ser sexuais e esta começa a se imaginar em relações/situações eróticas, tendo como força impulsionadora o desejo de dispor a mãe em situações secretas de infidelidade, o que também não deixa de ser uma forma das crianças se vingarem na fantasia dos pais que as puniram.

No entanto, Freud (1974/1909) ainda afirma que a infidelidade e a ingratidão apresentadas nessas ficções que meninos e meninas criam são aparentes. Segundo este autor, se os romances imaginativos forem investigados minuciosamente, é possível perceber que as qualidades atribuídas aos “novos pais” são nada mais originárias das recordações reais das próprias figuras parentais. Sendo assim, a criança não está excluindo os pais e sim, enaltecendo-os.

Freud (1974/1909) prossegue dizendo que esta substituição que a criança tenta fazer de seus progenitores seria um modo de expressar a saudade sentida de lembranças felizes do passado,

quando o pai lhe parecia o mais nobre e o mais forte dos homens, e a mãe a mais linda e amável das mulheres. Ela dá as costas ao pai, tal como o conhece no presente, para

voltar-se para aquele pai em quem confiava nos primeiros anos de sua infância, e sua fantasia é a expressão de um lamento pelos dias felizes que foram. Assim volta a manifestar-se nessas fantasias a supervalorização que caracteriza os primeiros anos da criança. (Freud, 1974/ 1909, p. 246).

Os romances familiares - daqueles denominados por Freud como neuróticos - em um grupo familiar, onde a dinâmica psíquica inconsciente permite que sejam constituídas relações éticas e saudáveis, vão se desenvolver conforme foi explicitado acima. No entanto, em famílias incestuosas, tais romances que deveriam permanecer no campo fantasmático das crianças rompem com este, fazendo com que elas se sintam confusas com os papéis familiares e desorganizadas psiquicamente. Se houver espaço para que o Complexo de Édipo seja elaborado e simbolizado, instaura-se a lei e, conseqüentemente, uma barreira contra o incesto é estabelecida.

3.3 - A proibição do incesto

Para discutir o incesto, é interessante, discorrer, primeiramente, sobre a etimologia da palavra a partir dos escritos de Cromberg (2001). A autora argumenta que incesto deriva de *incestum*, que significa sacrilégio. *Incestum*, por sua vez, origina-se de *incestus* que significa impuro e sujo. Já a palavra *incestus* é a soma de *in* e *cestus*, sendo uma deformação de *castus* que tem como significado casto, puro. Dessa forma, pode-se entender *incestus* também como não casto.

O incesto, para Razon (2007), acontece dentro do lar, fora da lei. Além disso, a autora destacou que

o incesto é um ato que infringe a intimidade corporal e psíquica de um indivíduo.

Uma simples carícia basta. Definiremos, pois, o incesto como um ato de transgressão

cometido sobre o corpo de uma pessoa com a qual existe uma relação de parentesco jurídico ou psíquico, isto é, um vínculo de sangue e/ou um vínculo simbólico (p. 8).

A concepção de incesto e sua proibição são definidas conforme cada sociedade, portanto variam. A definição anterior, segundo Razon (2007) é adotada na França assim como no Brasil e em outros lugares. Diferentemente desta postura, a mesma autora exemplifica que em determinadas castas de certas regiões da África, na Polinésia e no Peru, os irmãos podem se casar, pois não é considerado incesto enquanto que na China entende-se o incesto como o casamento de pessoas com o mesmo nome. Diante destas variações, o único interdito do incesto estabelecido universalmente, do qual se tem conhecimento, é colocado entre as figuras parentais e filhos.

Cohen e Gobbetti (1998) argumentam que o incesto, um segredo familiar, acontece quando existe um vínculo familiar, que não conjugal, e ocorre a violência sexual, envolvendo membros da mesma família, sendo um dos envolvidos, diretamente na situação, um menor de idade, considerando a posição dos autores em relação ao conceito de família. Esta não é definida apenas por laços sanguíneos e sim, pela função social de parentesco que os membros do grupo exercem. Além disso, nota-se um envolvimento de toda a família, de forma inconsciente, na violência sexual incestuosa, pois é necessária uma dinâmica que autorize o incesto.

Ainda de acordo com Cohen e Gobbetti (1998), é possível apreender a transgressão da proibição social de intercâmbios sexuais entre gerações de uma mesma família, considerando que esta lei da interdição do incesto é estabelecida desde a época de tribos primitivas de acordo com a cultura em que estas estão inseridas. Lévi-Strauss (2009) também considera este aspecto cultural na proibição do incesto. Devido ao desejo incestuoso presente nos seres humanos, a lei da interdição funciona como uma barreira social necessária para tentar inserir o sujeito na cultura, tornando-o um ser social.

Sobre os processos psíquicos relativos ao incesto, Cromberg (2001) aponta esta violência como uma situação que pode envolver todos os sujeitos integrantes de determinada dinâmica familiar - de ordem inconsciente - como construtores da cena incestuosa. Além disso, a autora estabelece algumas condições para que aconteça a violação do tabu do incesto tais como: uma figura do grupo familiar assume um lugar que não lhe cabe, por exemplo, um filho que “substitui” um pai que abandonou o lar; a existência de algum grau de incompatibilidade sexual entre os cônjuges; a impossibilidade da procura de satisfação sexual fora da família; o medo da desintegração familiar e do abandono; e ainda a aceitação tácita dos outros membros da família que não constituem a dupla de incestuados.

Figaro-Garcia (2004) aponta que uma característica comum entre as famílias incestuosas é a confusão de funções familiares, das quais podem aparecer transtornos que podem comprometer a adequação ao princípio da realidade, pois a ocorrência do incesto faz com que haja rompimento das fronteiras entre desejo e realidade (Freud, 2010/1930).

O traumático presente na dinâmica incestuosa pode contribuir para o comprometimento da noção de realidade, propiciando sensações de confusão em relação aos fatos concretos e sua relação temporal. Quando a instalação do trauma ocorre,

a excitação que deveria ter tomado o caminho da representação, da ligação, ficou presa num circuito incessante das excitações sem forma. Por isso o trauma não fala, se faz sentir e atua. O que ele repete não é uma representação, mas uma percepção sem palavra (Uchitel, 2001 citado por Figaro-Garcia, 2004, p. 68).

Com as atuações do trauma, os sintomas surgem de formas diversas. Na perspectiva psicanalítica, estes não são considerados doenças e sim expressões de conflitos inconscientes (Freud, 1974/1917), sendo possível incluir exemplos variados, inclusive as situações de violência e, mais especificamente, o incesto.

O incesto teve sua proibição como uma das leis básicas para a sobrevivência da civilização. Para este assunto ser melhor compreendido, a discussão a seguir é a respeito deste. Malinowski (1973) postula que a família não pode se manter em sociedades nas quais o costume, a moral e a lei permitem que o incesto ocorra. O autor argumenta que aconteceria a ruptura desta família e que, portanto, a sociedade entraria em caos, fazendo da continuidade da tradição cultural algo impossível. Para ele, o incesto extingue as distinções de idade, além de mesclar as gerações, desorganizar sentimentos e inverter os papéis que cada sujeito exerce na família.

Lévi-Strauss (2009) explica a proibição do incesto como uma regra pré-social dada a universalidade e o tipo de relações que impõe sua norma. No entanto, é também social de acordo com sua natureza. Devido aos desejos incestuosos, considerando os investimentos libidinais das crianças em relação às figuras parentais assim como dos pais para com o bebê, por exemplo, a lei da interdição do incesto faz-se necessária por via da cultura, assim, o sujeito enquanto ser social evitaria o incesto. E ainda se deve considerar que há outras culturas nas quais se permite relação sexual e conjugalidade entre os membros de uma só família.

Notemos, entretanto, que se a regulamentação das relações entre os sexos constitui uma invasão da cultura no interior da natureza, por outro lado a vida social é, no íntimo da natureza, um prenúncio da vida social, porque, dentre todos os instintos, o instinto sexual é o único que para se definir tem necessidade do estímulo de outrem (Lévi-Strauss, 2009, p. 49).

Roudinesco (2003), por sua vez, concorda com Lévi-Strauss, que a proibição do incesto está ligada a uma função simbólica, sendo um fato de cultura e de linguagem, diferenciando o mundo animal do humano ao retirar do homem parte desse continuum biológico dos mamíferos. E, assim, a família pode ser compreendida como uma instituição

humana duplamente universal, já que associa algo criado pela sociedade a algo determinado nas leis de reprodução biológica.

Ainda sobre a proibição do incesto, Freud (2011/1923), em *O eu e o id*, elenca outra importante função: estruturar o aparelho mental nas três instâncias psíquicas - id, ego e superego, sendo esta última formada pela internalização da lei enquanto que a segunda tenta intermediar a satisfação dos desejos e as leis e regras a serem cumpridas.

Considerando as forças antagônicas - instintos de vida e de morte - que regem a satisfação das exigências dos impulsos de acordo com o princípio do prazer (Freud, 2010/1930), é possível afirmar que a inserção do sujeito na cultura, ou seja, na sociedade tende à direção contrária à totalidade da satisfação dos desejos e, dessa forma, sempre vão existir conflitos destes âmbitos contrários. Como exemplo tem-se o desejo incestuoso que, como discutido anteriormente, está presente em todos os sujeitos, devendo ser reprimido através da lei simbólica para que a civilização se mantenha.

Amazonas, Oliveira e Melo (2009) explicitam a situação incestuosa como algo que todos os sujeitos da família estão envolvidos, podendo estar diretamente implicados ou não na situação, pois, de forma consciente ou inconsciente, todos testemunham a violência em questão que precisa ser mantida em segredo para a conservação da dinâmica familiar. Isto reforçaria o mito familiar (Eiguer, 1998; Henriques e Gomes, 2005) e o pacto denegativo (Kaës, 2005) da família incestuosa.

Henriques e Gomes (2005) apontam que em diversas situações de violência, tanto as intrafamiliares, incluindo as agressões sexuais, quanto as situações de violência político-social como guerra, genocídio e miséria denunciam um comprometimento da função de contenção e elaboração da família que experiencia determinada situação.

Diante das exposições teóricas apresentadas, e para elaborar outros questionamentos, pretende-se caminhar retomando o mito da horda primeva, o qual foi discutido anteriormente.

É importante recapitular que o líder do bando mantinha todo o poder para si, não permitindo que os filhos investissem libidinalmente nas mulheres do grupo, enquanto que para o próprio líder não havia regras ou leis nem mesmo em relação à poligamia e à prática do incesto, já que se trata de uma época aquém do processo civilizatório.

Considerando a identificação como principal via dos processos de transmissão psíquica, pode-se dizer que resquícios dos traços mnemônicos deste pai foram herdados psiquicamente por estes filhos, sendo estes conteúdos armazenados no id ou em uma cripta psíquica? Pode-se pensar que a ausência de proibições engendradas nas condições de gozo do pai constituiu um objeto transgeracional e, assim, este foi transmitido?

As leis fundamentais para a criação da civilização, como se foi apreendido, foram estabelecidas a partir do mito da horda primeva. Os filhos ao assassinar o pai, devido à ambivalência de amor e ódio direcionada a este, sentiram culpa advinda da introjeção do objeto pai. Diante destes sentimentos, foi instituído que não se podia matar o pai e nem cometer incesto.

Nas histórias das famílias incestuosas é possível pensar que, em algum momento, aconteceu algo de ordem traumática em relação ao pai simbólico que é tido como representante da Lei. Isto pode ter contribuído para a transgressão dos tabus fundamentais, considerando que o sujeito não elaborou a angústia de castração¹⁶. Além disso, as leis de não matar o próximo e da interdição do incesto podem ter sofrido irrupções quando eram para ser transmitidas intergeracionalmente e, assim, não puderam ser simbolizadas pelos sujeitos não barrados pela Lei.

¹⁶ Angústia de castração, segundo Freud (1914), é um conceito que se refere a reações afetivas diante da observação e constatação da ausência do pênis. É uma experiência de amadurecimento psíquico do sujeito vivenciada, em média, aos cinco anos de idade. A angústia de castração leva à diferenciação anatômica entre os sexos, percebendo os limites do corpo e, conseqüentemente, à queda da onipotência narcísica, ou seja, o reconhecimento do outro também como sujeito com suas diferenças.

Há casos de famílias incestuosas em que a violência se repete por gerações (Cromberg, 2001) e novamente, pode-se entender a herança psíquica como um fator de influência¹⁷ na repetição diante da não elaboração desta experiência traumática. Por exemplo, pode-se pensar que a família mantém o segredo desta vivência para os descendentes por não suportar o contato com o que aconteceu. Assim, acreditam, de forma consciente, que este é o melhor modo de lidar com a situação e, diante disso, o incesto encripta-se, tornando-se um segredo sem possibilidades de simbolização ou elaboração como se fosse possível desconsiderar os elementos inconscientes que permanecem permeando as relações daquela família. Diante disso, o mito familiar é reforçado, juntamente com o pacto denegativo, para que os vínculos e papéis dos sujeitos sejam mantidos, sejam eles quais forem.

Os desdobramentos desta falha na simbolização podem provocar a construção de objetos transgeracionais que perpassam gerações, sendo depositados inconscientemente nos descendentes - sujeitos que tiveram criptas formadas no seu psiquismo. Desta forma, é possível pensar que com conteúdos inconscientes das gerações passadas e da atual sobrepondo-se, os sujeitos da família contemporânea (re)viverão aspectos sem representação das experiências traumáticas dos ascendentes.

¹⁷ É importante clarificar que a herança psíquica não é o fator determinante para que situações incestuosas ocorram. É uma abordagem possível de ser pensada, porém no sentido de ter uma influência sobre esta violência. Em momento algum, desconsidera-se, neste trabalho, a relevância da presença de um propenso violentador inserido na dinâmica familiar na qual o incesto aconteceu.

4 - MÉTODO: O PERCURSO PARA O DESVELAMENTO

A presente pesquisa está fundamentada no método de investigação psicanalítico, o qual utiliza, de acordo com Herrmann (2004), como ferramenta, a interpretação psicanalítica. Esta pode ser entendida como um desencontro produtivo, no qual se rompe um campo que sofre uma atualização nas representações simbólicas. Na análise, uma sequência de rupturas dos campos vai conduzindo o sujeito que é analisado a campos mais instituintes da sua estrutura psíquica.

Para Rezende (1987), “interpretar é tentar dizer em quantos sentidos há sentido(s). E isso em vista da compreensão, no estabelecimento de relações semânticas a partir das diferenças. Isso é simbolizar” (p. 23). Ou seja, cada pesquisador, ao analisar um sujeito, poderá atribuir sentidos diferentes às experiências vividas por este, pois a interpretação está intrinsecamente relacionada à simbolização, sendo assim, não há uma única verdade. Esta não é adotada como coerência ou algo correspondente a provas ou evidências, mas como *alétheia* - palavra atribuída à verdade em grego.

Alétheia, segundo Rezende (1993), pode ser “traduzida tanto por desvelamento como por não-esquecimento. Em termos psicanalíticos, mais do que desvelamento a experiência da verdade é desnudamento, desmascaramento” (p. 118), sendo então o movimento da análise de desconstrução imprescindível para um segundo momento de reconstrução, ressignificação das experiências, principalmente, as traumáticas.

Rezende (1987) aponta que, devido ao processo analítico, o sujeito se apresenta como sujeito do consciente, por um lado, e sujeito do inconsciente por outro. E a partir disso, a relação entre sujeito e objeto, para a psicanálise, é estabelecida. Além disso, este autor aponta que o critério de cientificidade para a psicanálise vai além da intersubjetividade,

denominando-o como analisabilidade - condição *sine qua non* para a existência da psicanálise.

Frayze-Pereira (2006) comparou o pensar psicanalítico à criação artística. Enquanto o primeiro sugere uma escuta do analista relativa ao que é particular de cada sujeito, dando voz a este, nomeando o sofrimento para que este tome forma; o artista apresenta ao mundo um sujeito que nunca foi visto ou ouvido antes de sua criação, sendo esta uma experiência estética. O autor considera que o pensar estético permeia o campo entre o não-ser artístico e a forma perceptível assim como o pensar psicanalítico transita entre aquilo que não é dito e o que é possível de ser nomeado.

Para Telles (2006)

a psicanálise produz um saber que possibilita perceber uma outra dimensão psíquica, regida pelo desejo inconsciente e sua lógica particular. Integrar esse lado obscuro enriquece a apreciação de uma criação artística e nos permite admirar a potência inventiva de seus autores, que, com suas histórias, nos dão acesso às verdades mais recônditas da alma humana (p. 21)

O cinema é um meio de comunicação que possui uma linguagem mais próxima das representações de imagens da vida psíquica, de acordo com Zusman (1994), tanto no plano de vigília quanto no funcionamento onírico. A imagem torna-se objetiva, adquirindo tons de realidade ainda que as obras possam ser fictícias. É interessante ressaltar que, mesmo em ficções, o cinema pode alcançar a transmissão de aspectos cotidianos, já que, muitas vezes, os filmes retratam diversos temas, fazendo com que sujeitos, que não entrariam em contato com experiências de outras realidades e culturas, possam fazê-lo através das obras cinematográficas.

Nesta pesquisa foi realizada a análise do filme *Volver* (2006) dirigido por Pedro Almodóvar, pois a partir de uma obra de arte cinematográfica é possível captar movimentos

da dinâmica familiar das personagens, consideradas aqui como sujeitos. O cinema leva a uma ampliação do olhar de quem está pesquisando quando mostra diversas faces de uma história e o contexto em que os sujeitos-personagens estão inseridos, possibilitando, neste caso, a investigação dos processos de transmissão psíquica.

5 - VOLVER: A CONSTRUÇÃO DE UMA ANÁLISE A PARTIR DA TRANSMISSÃO PSÍQUICA

Volver, uma palavra do idioma espanhol, significa voltar a um lugar e este filme é repleto de retrocessos ao passado das mulheres de três gerações, personagens principais de um enredo que permite que os segredos familiares reincidam-se ao longo da trama. Nesta as mulheres ganham destaque enquanto que a figura masculina possui pouco espaço de representação.

Raimunda e Soledad são irmãs, filhas de Irene, as quais pensam que a mãe estava morta junto com o marido em um incêndio. Raimunda é casada com Paco, tem uma filha chamada Paula, 14 anos, enquanto sua irmã Soledad é divorciada, sem filhos e reside sozinha. As irmãs tem uma tia chamada Paula, irmã de Irene, que está muito doente e permanece sob os cuidados de Augustina, amiga da família, já que moram em outra cidade também do interior da Espanha na região de Lá Mancha, local onde se passa a história.

Ainda que Almodóvar, como costumeiramente em suas obras enfatiza o tema vida e morte em *Volver*, este estudo demonstra interesse em analisar, pelas lentes da Psicanálise, a questão transgeracional apresentada no filme bem como o conteúdo de violência. Este é um olhar a ser construído dentre tantos outros que poderiam ser traçados através das interpretações que não são verdades absolutas, mas sim possibilidades de desvelamento. A seguir serão relatados alguns aspectos formais do filme e, posteriormente, serão feitos recortes de cenas em busca de possíveis sentidos.

5.1 - Sobre o filme: aspectos formais

Volver é um filme do gênero drama, dirigido e escrito por Pedro Almodóvar. Foi produzido em 2006 pelos estúdios Canal+ Espanã, El Deseo SA, TVE e Ministério Espanhol da Cultura. Foi distribuído pela Sony Pictures Classics e Fox Film do Brasil. Tem duração de 121 minutos.

O responsável pela discografia do filme é Alberto Iglesias, destaque para a música *Volver* intitulada com o mesmo nome da obra, com melodia composta por Carlos Gardel e escrita por Alfredo Le Pera. José Luis Alcaine trabalhou com a fotografia enquanto que a edição foi feita por José Salcedo.

Em relação ao elenco, Raimunda foi interpretada por Penélope Cruz enquanto que a mãe Irene foi personagem de Carmen Maura, com a qual o diretor já havia realizado parceria em outras obras cinematográficas. Lola Duenãs fez o papel de Soledad enquanto que Yohana Cobo atuou como Paula.

5.2 - Um recorte de cenas

Cena 01¹⁸: preparando para a morte?

O filme tem seu início com Raimunda, sua filha Paula e Soledad no cemitério. Elas estão limpando e ornamentando o túmulo dos pais. Encontram com Augustina que prepara o próprio túmulo enquanto viva, pois este ato é tradição naquela vila do interior da Espanha. Augustina, em certo momento, refere-se à Paula, dizendo “não dá para negar que ela tem os

¹⁸ A numeração das cenas neste trabalho é cronológica conforme a seleção realizada para análise, podendo diferir-se da sequência apresentada no filme.

olhos do pai”. Podemos observar uma junção entre os temas sexualidade e morte, visto que as mulheres comentam questões sobre ambos enquanto a cena inicial desenrola-se em um cemitério. Além disso, podemos perceber um costume de cultivo à morte por parte desta cultura que vai sendo passado de geração a geração.

Sabe-se que os elementos culturais podem ser transmitidos como conteúdos intergeracionais por via inconsciente, fazendo com que o sujeito herde tradições, rituais, leis conforme a sociedade que está inserido (Eiguer, 1998; Correa, 2000; Kaës, 2001; Trachtenberg, 2005). É importante considerar este aspecto, pois, se adotarmos o ponto de vista de outra sociedade, este costume de preparar o próprio túmulo poderia parecer sem sentido, enquanto que nesta vila apresentada no filme esta tradição tem um significado relevante que teve influência das transmissões intergeracionais.

Cena 02: os olhos cegos que não desejam enxergar

Raimunda, sua filha Paula e sua irmã Soledad, após saírem do cemitério, fazem uma visita à tia Paula nesta mesma vila, local em que elas não moram. Assim que chegaram, Raimunda diz “Esta casa continua cheirando a mamãe”. Se considerarmos a relação mãe-bebê, primeira relação objetal, na qual a função olfativa é intensa como um dos primeiros fatores de ligação entre essa dupla, pode-se interpretar, neste contexto, que Raimunda mantinha uma intensa conexão com esta mãe que havia morrido. Estaríamos diante de um luto não-elaborado, de uma negação à morte desta mãe e, portanto, a presença dela ainda se fazia onipresente?

Em relação à Tia Paula, o que pode ser ressaltado é a visão da senhora que já está um tanto quanto prejudicada e parece que, de certa forma, a memória dela relativa, no mínimo, aos últimos catorze anos apagou-se. Percebemos isto quando ela pergunta à Raimunda se ela

havia tido o bebê, pois está magra e quem eram as outras duas mulheres que estavam com ela; ou seja, tia Paula não se recordava de Soledad, nem de Paula que herdou o mesmo nome da tia-avó. Estaríamos diante de um possível legado de desejos não-realizados por tia Paula a serem transmitidos para a sobrinha-neta?

Primeiramente, esta falta de memória de tia Paula indica-nos que parece haver algo denegado que estancou o passado - um segredo? Uma vergonha? Um ato repreensível? -, fazendo com que este se misturasse com o presente. No entanto, para tia Paula é como se os anos não tivessem prosseguido tanto que a senhora faz uma recusa do nascimento de Paula. Podemos considerar também que a tia-avó utiliza-se, inconscientemente, do mecanismo do desmentido (Ferenczi, 1933) como se desautorizasse o nascimento da sobrinha-neta de mesmo nome? O que os olhos, quase cegos, de tia Paula querem nos relatar?

Cena 03: o escancarar de um desejo perverso

Raimunda, a filha e a irmã voltam para a cidade na qual moram já à noite. Raimunda e Paula vão para seu apartamento enquanto Soledad segue com o carro para o dela. Paco, marido de Raimunda e pai de Paula, está sentado em um sofá, vendo um jogo na televisão e tomando cerveja. A adolescente sentou-se em uma poltrona ao lado, deixando as pernas abertas. Paula usava uma calça debaixo da saia. Neste momento, Paco encarou a filha, desejando-a. É importante considerar também que estes olhares não foram cuidados por Raimunda que pode não os ter percebido inconscientemente. Esta cena estaria fazendo uma denuncia do incesto? Em seguida, Raimunda observa o modo como a filha está sentada e diz “Paula, se endireita. Arruma essas pernas”. Esta preocupação de Raimunda com a maneira que a filha porta-se parece ser uma preocupação que parte dela; por que ela surge?

Paco vai saindo da sala, abrindo as suas calças, em direção ao quarto de Paula. Entreolha, pela porta do quarto, a garota trocando de roupa e sai depressa antes que ela o veja. No entanto, a garota fica desconfiada de algo. Tem-se outra cena denunciando os aspectos incestuosos da relação entre Paco e Paula.

Paco segue para o próprio quarto, demonstrando à Raimunda que quer ter relação sexual. Ela recusa, dizendo “Ai, Paco, deixe-me”. Ele se deita em cima dela, tentando forçar a situação, até que ela o chama de pesado, empurra-o e vira-se para o lado. O marido pediu que ela não o chamasse assim e então ela se desculpa. Paco decide se masturbar, enquanto Raimunda, ainda virada para o outro lado, chorando silenciosamente, escuta o ato do marido.

Paco desejou sexualmente sua filha, havendo uma quebra do tabu do incesto (Freud, 2012/1913). Podemos pensá-lo como um sujeito que não se submeteu ao interdito da lei. Ainda podemos nos perguntar se houve uma dinâmica na qual Paco estava inserido desde a sua infância, que somado a outros elementos internos, estruturou uma personalidade perversa? É possível suspeitar, mas não afirmar por não termos subsídios suficientes. Paco queria satisfazer seus instintos sexuais com Raimunda que o rejeita. O que será que levou a esposa a esta recusa? Haveria algum tipo de incompatibilidade sexual entre o casal? Um dos elementos que, segundo Cromberg (2001), pode contribuir para a constituição de um terreno fértil para o incesto.

Paco, quando busca o prazer através da masturbação, considerando o modo como a cena foi construída, leva-nos a crer que para ele pouco importava a mulher - objeto libidinal - com a qual ele iria obter o prazer sexual por parecer estar considerando somente a busca de sua satisfação, não demonstrando algum reconhecimento do outro. Este não reconhecimento não acontece apenas neste momento. Estas seriam demonstrações de aspectos narcísicos bem como perversos estruturantes da personalidade de Paco?

Cena 04: o ato da violência sexual incestuosa e seus desdobramentos

Paula aguardava Raimunda no ponto de ônibus. A mãe perguntou o que a filha estava fazendo ali, ela disse que a esperava há pouco tempo. Raimunda indagou se ela estava com as amigas, Paula disse que não. A garota parecia estar um pouco apática e assustada ao mesmo tempo, olhando bastante para o chão enquanto a mãe fala. “E por que não me ligou? O que está acontecendo com você? Há algo de errado?”. Paula mantém a postura, enquanto Raimunda prossegue “Ei, perguntei se há algo de errado com você?”.

Raimunda perguntou por Paco. Paula engoliu seco, falando que ele estava na cozinha, então a menina conta o que havia acontecido. Paco violentou Paula sexualmente ao tentar submetê-la a ter relação sexual com ele, utilizando-se de coerção física (OMS, 2002). O homem argumentara dizendo que “aquilo não era mau e que ele não era meu pai” - fala de Paula que conta isso chorando. A mãe também chora. A garota afirmou que pegou a faca para ameaçar Paco, o qual disse que ela não seria capaz de fazer nada. Então, ele se jogou para cima dela e ela o matou. Neste momento, Raimunda abraça a filha e continua chorando.

É relevante destacarmos que Raimunda, quando acolhe o sofrimento de Paula, oferecendo escuta, autoriza a filha a experimentar aquele misto de sentimentos diante da situação, já que além de sofrer a violência, ela também havia matado o próprio pai, pondo fim a estas situações de violência. O que será que o assassinato de Paco vem representar?

Consideraremos o ato de Paco como incesto porque, independente de ele não ser o pai biológico de Paula, foi quem exerceu a função paterna desde quando a garota era um bebê, ou seja, era a referência - modelo objetal - que ela conhecia a respeito deste grau de parentesco (Cohen & Gobetti, 1998; Roudinesco, 2003; Razon, 2007; Lévi-Strauss, 2009). E qual a repercussão desta reviravolta na história de Paula de desconhecer o seu pai biológico? Há segredos envolvidos desde antes o nascimento da garota.

Outro aspecto a ser analisado, neste momento, é a quebra dos tabus - regras sociais e culturais - fundamentais para a manutenção da civilização. Na relação de Paula e Paco, além da violência sexual incestuosa, violando o tabu do incesto, a garota assassinou o pai (Freud, 2012/1913). Analisando a influência dos processos de transmissão psíquica, podemos pensar, por um lado, que houve uma falha na transmissão intergeracional das leis da sociedade, tornando-se um conteúdo transgeracional provocando a ação de Paula ao matar o pai (Eiguer, 1998; Kaës, 2001; Correa, 2003; Silva, 2003)?

Existiria alguma lacuna que permitiu a construção de uma cripta, guardiã de um segredo, e Paula poderia estar atuando um desejo que ela desconhece de um ancestral (Abraham, 1995/1974; 1975; Abraham e Torok, 1995/1971; 1972; Torok, 1995/1968)? Este aspecto da discussão será discutido em detalhes em cena posterior.

Cena 05: o segredo do assassinato

Em seguida a cena que Paula revela a situação à mãe, ela pergunta “o que vai fazer, mamãe?”. Raimunda responde que não sabia e era para a filha trocar a roupa. “Paula, lembre-se que fui eu quem o matou, e que você não viu nada porque estava na rua. É muito importante que se lembre disso”. Paula concordou, ainda bastante assustada. Raimunda, então vai limpar o corpo e escondê-lo. É importante ressaltar que Raimunda tomou para si a responsabilidade da morte de Paco. E por que ela fez isso?

Logo, a campainha toca. Era Emílio que queria deixar seu restaurante sob os cuidados de Raimunda para que ela mostrasse para possíveis clientes com a intenção de alugar ou vender o local. Raimunda tinha um pouco de sangue no pescoço. Emílio perguntou o que era, então, ela disse: “coisas de mulheres”. Ele vai embora e o telefone toca; era Soledad,

anunciando a morte de tia Paula. A irmã alega que não poderia ir ao enterro, Soledad não a compreende, mas, por fim, aceita ir sozinha, mesmo tendo medo dos mortos.

Assim, Raimunda e Paula arrastam o corpo de Paco embalado para fora do prédio, verificando se não há ninguém. Então, levam-no para o restaurante de Emílio e colocam o corpo no freezer. Este congelamento leva-nos a pensar sobre uma paralisação daquele momento, do tempo ou estaríamos diante de outro tempo de tantos segredos escondidos? Quando saiam, novamente houve outra surpresa: encontraram um possível cliente para o restaurante que gostaria de saber o horário de funcionamento. Raimunda tem uma ideia e apropria-se do restaurante de Emílio para sustentar a ela e Paula.

Mãe e filha, cúmplices do assassinato de Paco, decidem que este será um segredo mantido entre elas - mais um nesta família que é repleta de mistérios. Qual impacto que tanto a violência sexual quanto o assassinato, se não elaborados, poderiam ter nas próximas gerações? Diante de alianças e pactos inconscientes estabelecidos para manter determinada organização dos espaços intersubjetivos (Eiguer, 1998), criptas podem ser formadas em torno destes segredos para encobri-los. Tais criptas assumiriam o papel de nomeação das palavras relativas a este desejo realizado que precisa ser escondido (Abraham e Torok, 1995/1972), impedindo a simbolização com a interrupção da introjeção que tem a linguagem como elemento fundamental para seu desenvolvimento.

Cena 06: o retorno da mãe-fantasma

Soledad vai à vila que tia Paula vivia para o enterro. Entra na casa, olha em volta, escuta barulhos, chama por Augustina. Aparece o fantasma da mãe, dizendo “Soledad, minha filha. Sole, tenho que falar com você”. É interessante ressaltar o fato de que o fantasma da mãe reaparece logo para a filha que tem medo dos mortos. Soledad ganha mais destaque na

trama após o retorno desta mãe. Até isto acontecer, ela vivia sozinha, abandonada pelo marido e sem filhos. É possível pensar que a moça não elaborara o luto pela morte da mãe, também se tornando “sem vida”? O que esta presença da mãe pode significar?

Depois do enterro, Soledad volta para a cidade onde mora e, ao descer do carro, escuta uma voz falando “Abra, Sole. Abra, sou sua mãe. Não vou te fazer nada”. Soledad responde “minha mãe está morta. Com certeza deve ser seu fantasma ou seu espírito”. A mãe diz que como ela quiser, mas pede para ser tirada do porta-malas do carro. Soledad abre e pergunta o que aconteceu à mãe. Elas vão conversando até o apartamento da moça, o qual também era usado para atividades de salão de beleza de modo ilegal.

Soledad perguntou se a mãe iria permanecer por muito tempo. A mãe pergunta se a filha já quer deixá-la e prossegue falando que ficaria até quando Deus quisesse se não houvesse inconveniente. “Mas uma mulher separada, com quem estaria melhor senão com sua mãe? A não ser que tenha encontrado um partido” - fala da mãe de Soledad. A filha respondeu “Não, mamãe. Estou sozinha como sempre”. A mãe diz que “agora não mais”.

Soledad fala ao telefone com Raimunda que contou que o marido havia deixado ela e Paula, por isso não pode ir ao enterro. A mãe diz “não tivemos sorte com os homens. Nenhuma das três”. A mãe prossegue afirmando que estava cega com o marido, que a traiu várias vezes até o último dia da vida dele. “Engoli tudo isso em vida. Nunca quis que soubesse de nada. Mas, vamos esquecer isso. Não quero me enfurecer com um morto”.

Diante desta cena, primeiramente, podemos pensar alguns aspectos em relação à figura masculina nesta família. É possível perceber que quase não há espaço para tal e, quando há, o homem é sempre aquele que cometeu um ato vergonhoso. Assim, perguntamos se foram construídas alianças inconscientes (Kaës, 1996), mitos familiares (Ferreira, 1963) entre as mulheres desta família, na qual o papel da figura masculina fica em segundo plano

ou ocupa o lugar de malfeitor¹⁹? Haveria influências dos processos de transmissão psíquica desorganizando os espaços intersubjetivos, apresentando a necessidade de criar estes pactos inconscientes para a manutenção dos vínculos (Eiguer, 1998)?

Sabemos que há diversos segredos que permeiam esta família. A mãe-fantasma, da qual não se sabe o nome, diante de uma possibilidade de esclarecimentos de algumas histórias para a filha Soledad, reafirma a sustentação dos segredos através do silêncio. Há tentativas de ignorar os materiais inconscientes como se estes não permeassem as relações. Entendemos que silêncio pode contribuir para a descontinuidade dos processos de simbolização, constituindo segredos que podem ser transmitidos como herança psíquica (Rosa, 2001; Correa, 2003). Quais situações foram encobertas nesta família? O que será que foi transmitido psiquicamente?

Podemos fazer uma associação desta mãe, compreendida como fantasma no filme, com o fantasma patológico da transmissão psíquica. Se este é uma formação do inconsciente, ao retornar atuando em uma próxima geração, funciona como algo estranho no psiquismo do sujeito. Faz oposição à introjeção, irrompendo a apreensão e significação das palavras (Abraham e Torok, 1995/1975).

No filme os silêncios relativos aos segredos da família são mantidos antes e depois que a mãe-fantasma literalmente retorna. No entanto, o fato de Soledad parecer, em vários momentos, “sem vida” ou o “estar sozinha sempre” não poderia ser uma atuação do fantasma patológico, constituído a partir de segredos anteriores desta mãe, sobre o psiquismo da filha? Até então não se nomeou esta mãe assim como o fantasma patológico não tem nomeação, já que faltam significados às palavras diante das irrupções do processo de introjeção (Abraham e Torok, 1995/1975).

¹⁹ Isto não significa que realmente não tenham cometido atos repreensíveis ou até criminosos, tendo responsabilidade sobre tais.

Outras falas a serem destacadas nesta cena são “E seu marido? Pode aparecer do nada?” - a mãe continua. Soledad respondeu que havia dois anos que ela não sabia nada a respeito dele. A mãe responde que “melhor, assim ficamos as duas bem juntinhas”. Anotece, Soledad deita para dormir e tem pesadelos, levanta-se e vai verificar se a mãe está na cama e se deita junto com ela.

É possível fazer uma associação desta cena com a relação primeira mãe-bebê. Soledad, como um bebê que depende do outro, busca aconchego e proteção da mãe diante do medo que sentia, impedindo-a de dormir. A relação de ambas seria permeada por identificações narcísicas, nas quais o outro se apropria da subjetividade do Eu do descendente (Faimberg, 2001)? Há até mesmo um sintoma compartilhado por ambas de sofrerem de dores nas costas. Soledad seria depositária de desejos da mãe que levaram a este legado de dependência entre as duas?

Considerando ainda a mãe como o primeiro objeto de amor do bebê, e o processo do complexo de Édipo (Freud, 1974/1924; Eiguer, 1985), poderíamos pensar que, diante de uma figura paterna não representativa, Soledad permaneceu, inconscientemente, com sua libido presa na relação primordial mãe-bebê, não apresentando evoluções de seus desejos direcionados a outros objetos? Isto estaria relacionado ao fato de “estar sozinha como sempre”? Existiriam aspectos incestuosos na relação de Soledad com a mãe?

Na continuidade da cena, no dia seguinte, Soledad pinta o cabelo da mãe. Posteriormente à realização desta ação, as características físicas desta mãe - abatida, cabelos brancos, pálida - que sugeriria um aspecto de fantasma desaparecem como se a filha tivesse devolvido a vida à mãe. Assim como esta devolveu a dela, já que Soledad parece mais “viva” depois do reaparecimento da mãe-fantasma. Outra fala significativa desta mãe é a seguinte: “sempre tem coisas que se deixam a fazer ou que são mal feitas e minha vida não tem sido

uma exceção”. Ela poderia estar se referindo aos segredos da família (Abraham e Torok, 1995/1971), àquilo que não foi elaborado?

Cena 07: os segredos que fedem?

Raimunda conversa com a filha, dizendo que Soledad está estranha e que se perguntarem de Paco, ela não sabe de nada, “o que é verdade. Quanto menos souber, melhor” - fala de Raimunda. Mãe e filha vão até o apartamento de Soledad, Raimunda diz que vai usar o banheiro e a irmã age de forma estranha. A tia observa Paula e pergunta à sobrinha o que está acontecendo com ela que responde “estou em uma idade muito ruim”. Podemos notar que há certo estranhamento entre os membros da família enquanto cada qual reafirma a sustentação de seus próprios segredos.

No banheiro Raimunda sentiu um cheiro de pum e, ao voltar à sala, afirmou que é como se a mãe estivesse ali com elas. Podemos considerar o pum como brincadeira infantil presente na relação da mãe com seu bebê. Mas, por outro lado, pode-se associar o cheiro de pum com a lembrança da mãe. O que esta teria de “fedido”? O que nesta mãe e na história desta família “cheira mal”?

Ainda discutindo sobre algo que fede, posteriormente, no restaurante de Emílio, do qual Raimunda apropriou-se para sustento de sua família, ela e Paula conversavam sobre o cadáver de Paco guardado no freezer, o qual Raimunda planejava enterrar. A violência sexual, o assassinato também seriam vivências “fedidas” desta família? Raimunda pergunta “será que alguém mais entrou aqui?”, Paula “você disse que ia se livrar dele”. A mãe alega que não conseguiu. Paula afirma que não consegue tirar Paco da cabeça, “mãe, não sabe o que é ter matado o próprio pai”. A garota está demonstrando culpa em ter assassinado Paco?

Raimunda diz que Paco não era pai biológico de Paula, mas que havia a aceitado como filha. A garota pergunta quem é o pai dela e a mãe afirma ser alguém da vila. Paula quer saber se ela conhece e a mãe diz que está morto, mas promete contar a história toda para a filha quando puder. Enquanto isso, mais uma vez a opção é o silêncio e este segredo também permanece suspenso, ocultando de Paula um fato ligado a sua própria história. Quem é o pai da garota?

Cena 08: “como um filme de terror”

Avó-fantasma e neta, esta última que agora também compartilha deste segredo sobre a avó, conversam no quarto do apartamento de Soledad. A avó pergunta se Paula gosta de bonecas. A garota pega umas que estão sobre a cama e diz “estas sim, são como um filme de terror”. A avó completa que “são antiqüíssimas. A sua mãe brincava com elas quando estava grávida de ti”. Através desta fala, entendemos que Raimunda ainda tinha pouca idade quando engravidou de Paula. A garota, por sua vez, parece gostar das bonecas que a remetem a certo horror, sendo que estas eram mesmas bonecas com as quais a mãe brincava também grávida.

Paula, desconhecendo estes fatores expostos pela avó, já havia feito sua escolha por tais bonecas. E por que gostar do que lhe causa horror? Raimunda teria sofrido algo terrífico que foi transmitido para que a filha pudesse associar as bonecas desta forma? Assim, poderíamos estar diante de atuações, relativas a esse algo transmitido transgeracionalmente, dos instintos de morte de Paula que buscam autodestruição e uma tendência ao desprazer (Freud, 2010/1920)?

A boneca, nas brincadeiras das crianças, pode estar representando simbolicamente a relação mãe-bebê através da fantasia. No entanto, ao mesmo tempo, a menina pode estar em uma tentativa de elaboração do vínculo com a própria mãe através da compulsão à repetição

para a qual a Freud (2010/1920) atentou-se, analisando o jogo do *fort-da*. Raimunda, na adolescência ao brincar com estas bonecas, estaria denunciando algo de sua relação com sua mãe e/ou o que sua filha representava para ela naquele momento?

Se partirmos do pressuposto que Raimunda passou por uma experiência traumática que não houve elaboração, fazendo com que os aspectos relativos a esta fossem sepultados em uma cripta mantenedora do segredo, Paula poderia ter herdado um lugar de depositária de algo terrível para a mãe via transmissão psíquica transgeracional (Kaës, 2001; Silva, 2003; Trachtenberg, 2005; Gomes e Zanetti, 2009), caso tenha havido a constituição de um objeto (Eiguer, 1991; Garcia e Penna, 2010) a ser transmitido?

Paula pergunta por quais razões Raimunda não morava com seus avós. A avó responde “Estávamos mal de dinheiro. O seu avô foi para a Venezuela trabalhar. Então eu fiquei com Sole e a sua mãe foi morar com a tia Paula. O que te contaram dele?”. Paula responde que nada, pois Raimunda não gosta de falar desta época. Como seria a relação da mãe e da avó de Paula para que esta mandasse Raimunda morar com a tia Paula enquanto Soledad permanecia em casa com a mãe? É importante nos recordamos que a tia não se lembrava de fatos acontecidos, no mínimo, há 14 anos. O que haveria de terrível a ser recusado através da perda de memória?

A avó pergunta à Paula se Raimunda está bem. A garota responde que “agora melhor, mas, às vezes, é muito rebelde”. A avó afirma que Raimunda tem muito caráter e a neta pergunta como ela se dava com sua mãe. “Desde pequena era a menina dos meus olhos. Mas, quando se tornou adolescente, por alguma razão, eu a desconhecia. Foi se separando de mim até que a perdi completamente. Sua mãe já não gostava mais de mim. É muito doloroso que uma filha não goste da sua mãe. Por isso, agora que estão sozinhas, tens que gostar muito dela. E que ela note isso”. Paula pergunta por que a avó estava aparecendo, esta diz que estava a sentir-se muito só. É possível apreender nesta fala da avó de Paula que algo

aconteceu entre ela e Raimunda, parecendo que esta a odiava por algum motivo e a avó parecia compreender este sentimento, pelo menos, naquele momento.

Cena 09: (des)confianças

Augustina vai até o restaurante e diz à Raimunda “Só quero saber se ela está viva ou morta”, referindo-se a sua mãe desaparecida no mesmo dia do incêndio que matou os pais de Raimunda. Augustina foi criada pela avó porque a mãe deixava a casa por determinado tempo e depois retornava até que nunca mais voltara. As amigas já conversaram sobre esse desejo de Augustina de saber sobre a mãe quando esta precisou ser internada ao descobrir um câncer e Raimunda foi ao hospital visitá-la.

Augustina já tinha dito à amiga que não queria morrer sem saber o que houve com sua mãe, pedindo-a que perguntasse à própria mãe. Raimunda, incrédula, respondeu que a mãe estava morta enquanto a amiga afirmava que ela havia aparecido para tia Paula, cuidando dela até que morresse e que toda a vila sabia disso. Se a mãe-fantasma acompanhou tia Paula nos momentos finais, o que representa esta figura que cuida do outro até que a morte deste aconteça?

“Minha mãe se foi para reunir com seu pai na casinha. A minha mãe tinha uma ligação com o seu pai” - Augustina concluiu. Raimunda negou, dizendo que a mãe adorava o pai e não teria permitido isso. A amiga fala que por isso a mãe de Raimunda deixara o marido, passando a morar com tia Paula. Raimunda responde que isto aconteceu porque tia Paula não estava saudável, então a mãe se dividia entre as duas casas.

A conversa prosseguiu e Augustina afirmou “Você não pode saber por que não estava lá. E quase não teve contato com sua mãe durante anos. Sempre se queixava dela como se queixava de merda. Tenho ouvido muitas coisas. Uma vez ouvi uma discussão entre sua e

minha mãe. E sua mãe dizia que ela presenteava seu pai, que a ela não interessava e que não dividia nada porque o seu pai só sabia fazer sofrer as mulheres que o amavam”. Raimunda perguntou o que Augustina queria contando estas coisas e esta respondeu acreditar que a morte dos pais de Raimunda e o desaparecimento da mãe dela estão relacionados. A amiga questionou por que ela não foi à polícia denunciar e Augustina alegou: “a polícia faz muitas perguntas e as roupas sujas devemos lavá-las entre nós. Temos que consertar isso entre nós”.

Augustina representa, neste momento, a figura que quebra o silêncio e os não-ditos quando inicia as revelações de um dos segredos contidos nesta família através de suas desconfianças e hipóteses formuladas ao longo do tempo. Ainda que Raimunda não acreditasse na amiga, podemos considerar Augustina como aquela que, de certa forma, despertou inquietações em Raimunda, fazendo com que esta se movesse, quebrando também o seu lugar de silêncio.

Posteriormente, Augustina, acreditando que Raimunda não se importou com sua história, dispôs-se a ir à televisão para expor a situação sobre o desaparecimento de sua mãe. Em troca, ganharia um tratamento contra o câncer em uma boa clínica. É possível acreditar que Augustina, além de querer saber sobre o paradeiro da mãe, cuidar de sua saúde de uma forma mais sofisticada, demonstra um desejo de vingança momentâneo, já que depois desistiu de fazer seus relatos no programa. Se ela tivesse revelado seus pensamentos, haveria exposição mais intensa de um segredo que fazê-la ao vivo na televisão em rede nacional?

Cena 10: revelações

Raimunda vai ao apartamento de Soledad contar sobre a conversa que teve com Augustina e pergunta “tem mais coisa que eu não sei?”. A irmã conta que a mãe tem aparecido continuamente. Raimunda pergunta se ela tem a visto e, se por acaso, é a russa. A

moça, emocionada, vê a mãe embaixo da cama. Chora, espantada, questionando o que ela fazia ali. A mãe afirma “voltei para lhe pedir perdão. Eu não sabia de nada, minha filha. Nem podia imaginar”. A que a mãe referia-se? Parece que somente as duas sabiam de qual situação falavam naquele momento. Raimunda chora, chama Paula para irem embora e as duas deixam o local.

A mãe afirmou à Soledad “minha pequena, o pior já passou”, referindo-se à Raimunda não a ter negado. Soledad perguntou “é verdade que voltou para lhe pedir perdão?”. A mãe completou “e também para estar com você”. A filha pergunta se algum dia a mãe contará tudo, ela disse que sim e que espera a compreensão e o perdão de Soledad. Então, ela também não sabia sobre os segredos, ainda que morasse com a mãe naquela época.

Raimunda, na rua com Paula, continua chorando. A filha entrega-lhe lenços, tentando consolá-la. Raimunda diz “tenho que falar com ela”. Paula pergunta “por que não voltamos?”. A mãe fala “agora?” e a filha responde “claro”. Assim, elas voltam ao apartamento de Soledad; Raimunda e sua mãe saem para conversar (vide Cena 12).

Cena 11: retornando ao início?

Em uma viagem para a vila, na qual Raimunda e Soledad moravam quando crianças, elas fazem uma parada perto do rio para que a mãe de Paula pudesse mostrar onde Paco havia sido enterrado. Raimunda estaria fazendo uma tentativa de não manter mais segredos? As quatro mulheres seguem para a casa de tia Paula. Na cozinha estão Soledad, Raimunda e a mãe. Esta última pergunta se Raimunda tinha tanto peito desde sempre, a qual afirma que sim. Parece que nesta fala a mãe atenta-se para a sensualidade da filha que, neste aspecto, diferenciava-se claramente dela. Poderíamos estar diante de um sentimento de inveja?

Augustina entra e, neste momento, a mãe de Raimunda e Soledad não está na cozinha mais. Ela aparece para pedir desculpas por ter ido ao programa da televisão e diz “prefiro morrer em minha casa em paz, podendo olhar nos seus rostos”. Pergunta se vão vender a casa, Raimunda responde “uma vez aqui, são tantas as lembranças que já nem sei”... Augustina disse que a irmã dela abandonara-a de vez depois de não ter cumprido o combinado de sua fala na televisão e acrescenta “dá-me uma inveja. Vocês tão unidas...”

Este é o modo que a amiga percebe a relação das irmãs, no entanto, não podemos afirmar que há uma união, considerando que, em momentos delicados para ambas, elas não puderam contar uma com a outra. Soledad, que tem medo dos mortos, foi sozinha ao enterro de tia Paula, deparando-se com o fantasma da mãe, escondendo isso de Raimunda. Esta, por sua vez, não dividiu com a irmã a morte do marido. Para Soledad assim como sua mãe, Paco abandonou a família como o marido dela fizera. Quais aspectos permeiam a relação das duas irmãs que tem personalidades tão diferentes?

Em seguida, na rua, o vento empurra o lixo que está sendo levado para longe. Nesta cena, se entendermos, em uma associação, o lixo como representante das histórias não-ditas e não-elaboradas desta família, podemos compreender que assim como ele está sendo levado pelo vento, estes segredos estão desaparecendo diante da possibilidade de conversas e esclarecimentos entre esta família. É como se as lacunas permitissem ser substituídas por palavras e nomeações, possibilitando transformações nessas relações da família bem como ressignificações dos eventos traumáticos e segredos anteriormente vividos.

Irene, a mãe de Soledad e Raimunda, “aparece” para Augustina como um fantasma em sua casa. Somente nos momentos finais do filme como este que se descobre o nome do fantasma. Era um fantasma sem nome assim como o fantasma patológico da transmissão psíquica (Abraham, 1995/1974; 1975) que não se pode nomear. Parece que enquanto não

houve possibilidades de colocar em palavras aquilo que outrora eram segredos, o nome de Irene também não é apresentado a nós.

Irene fala à Augustina que soubera da doença dela e imaginava a solidão pela qual estava passando. Assim, acrescenta que está lá para cuidar daquilo que possa fazer falta a ela e pergunta se tem os remédios e os materiais para que ela possa aplicar as injeções. Já no quarto, Augustina fala que naquela cama dormia a mãe dela e naquele mesmo local a irmã de Irene, Paula, foi velada e agora ela estava lá. Uma cama que foi passada de geração a geração para quem se aproximava da morte? Irene agradece isso e agradece por ela não ter falado dela na televisão. Augustina afirma “isso são coisas nossas”. Irene completa “desde sempre e não importam a ninguém”. Estaríamos diante de possíveis construções de elaborações?

Em seguida, está passando um filme em preto e branco na televisão. Na cena há um pai carinhoso com sua filha e um olhar da mãe que parecia ser de inveja. O pai segue, todo cuidadoso com a criança, contando-lhe a história do Pinóquio enquanto isso a mãe está em outro quarto penteando o cabelo de uma forma sensual. Irene é quem está assistindo a este filme e, diante disso, poderíamos pensar que esta cena refere-se a um olhar projetivo denunciando a relação de Irene, do marido e de Raimunda? Será que esta mãe teve inveja da sensualidade da filha, demonstrando isso também com a pergunta sobre Raimunda sempre ter tido seios fartos? É possível pensar que Irene, em algum momento, sentiu a relação com o marido ameaçada pela presença da filha?

Batem na porta da casa de Augustina. Irene fica apreensiva antes de saber que era a filha. Raimunda diz que estava sentindo a falta dela e pergunta se vai ficar naquela casa. Irene afirma “sim, até o final. Augustina está muito mal depois do que disse da sua mãe. O mínimo é cuidar dela até que morra, não?”. Poderíamos pensar se Irene sentia culpa por ter matado a mãe de Augustina no incêndio e tentava, neste momento, fazer algum ato de reparação?

Raimunda concorda, dizendo à mãe que tinha muitas coisas para contar e que não havia falado nada do Paco. Irene diz que gostaria muito que a filha contasse-lhe tudo, mas pede que ela se vá, afirmando “nos veremos todos os dias. Entre nós nos entendemos”. A filha afirma que precisa da mãe e não sabe como viveu todos esses anos sem a presença dela. Podemos entender que há uma retomada de algo positivo na relação entre elas assim como quando Raimunda era “a menina dos olhos” de Irene, antes de ser violentada pelo pai? Estaríamos diante de atos reparatórios? A mãe diz à filha: “não diga isso porque começo a chorar e os fantasmas não choram”. Então, Raimunda vai embora e Irene permanece na casa de Augustina como a figura que cuida do outro que espera pela morte.

Cena 12: Volver - para elaborar?

Esta cena, na qual Raimunda e a mãe vão conversar, foi escolhida para ser a última da análise porque nela revelam-se alguns dos muitos segredos desta família. Segue o diálogo de ambas como apresentado no filme.

Mãe: “sonhei tantas vezes com isso”.

Raimunda: “eu também”.

Mãe: “Não sei por onde começar”.

Raimunda: “Não é um fantasma, não é? Não está morta?”.

Mãe: “Não, minha filha, não. Mas se tivesse morrido, teria voltado para lhe pedir perdão por não ter me dado conta do que aconteceu. Estava cega. Enterrei-me no mesmo dia do incêndio”. Irene não era um fantasma no sentido literal da palavra, mas é possível pensar que algumas experiências não-elaboradas (Trachtenberg, 2005) da mãe de Raimunda somaram para a constituição de um objeto transgeracional fantasma (Eiguer, 1991; 1995;

1998) a ser transmitido psiquicamente para uma próxima geração que não necessariamente a seguinte.

Raimunda: “É verdade que havia deixado o pai?”.

Mãe: “Sim, não podia encarar os chifres. Na tarde do incêndio, você falou com sua tia. Como sempre, não quis perguntar por mim, eu me aborreci e disse à tia que era uma ingrata. E como continuava excomungando-lhe, a tia saiu em sua defesa e me contou tudo: que seu pai havia abusado de você e que ficou grávida e que Paula era sua filha e sua irmã”. Só, neste momento, nomeia-se o que houve com Raimunda. Ela também sofreu violência sexual (OMS, 2002) assim como Paula que, por sua vez, é fruto de um incesto (Razon, 2007), filha-irmã de Raimunda. O pai de Paula, que também é revelado somente nesta cena, era seu próprio avô. Sabemos, então, que a violência sexual aconteceu com as mulheres de duas gerações. Com o assassinato de Paco, Paula teria libertado estes segredos da família para que pudessem vir à tona?

Sobre a tia Paula, parece que foi ela quem autorizou e acolheu o sofrimento de Raimunda que foi se distanciando da mãe, odiando-a intensamente, já que esta parecia não perceber o que havia acontecido. Não se sabe se Raimunda fez alguma tentativa de contar algo à Irene, porém, poderíamos considerar este não-reconhecimento de Irene como um desmentido materno (Ferenczi, 1933). Ainda é possível associar que o nome da filha Paula foi escolhido como uma homenagem à tia, já que esta representava uma figura de proteção para Raimunda. É importante lembrarmos que uma das últimas lembranças de tia Paula é da sobrinha grávida. Por quê?

Mãe: “Eu não podia acreditar. Como pode acontecer tal monstruosidade diante de meus olhos sem que eu percebesse? Então, entendi tudo. Entendi seu silêncio e o seu distanciamento. Entendi porque seu pai foi para a Venezuela trabalhar. Foi incapaz de assumir a vergonha do que havia feito. Entendi que depois que casou com Paco, viria para

Madrid e que não queria saber nada de nós”. Parece que Raimunda tentou “apagar” seu passado, de certa forma, recusando contato com a família para não relembrar as experiências difíceis pelas quais passou? E como ignorar aquilo que é relativo ao inconsciente?

Raimunda: “Eu a odiava por não ter percebido nada, mãe”. Diversos elementos e sentimentos tem ganhado nome e significado neste diálogo entre Raimunda e Irene, tanto que a filha pode falar sobre seu ódio e a mãe teve estrutura para sustentar, naquele momento, este dizer.

Mãe: “E tinha toda a razão, minha filha. Quando me inteirei, não sabe como fiquei. Fui à casinha disposta a arrancar-lhe os olhos e encontrei-o dormindo com a mãe da Augustina, bem juntos. Eles não me viram. Ateei fogo à casinha. Era um dia de vento e, em pouco tempo, as chamas devoraram tudo. Nem deu tempo de eles acordarem”. Irene, sabendo que o marido tinha violentado Raimunda sexualmente, além das traições, deseja se vingar e, portanto, decide matá-lo? É relevante pensar que Irene, assim como o marido, violou um tabu fundamental da sociedade (Freud, 2012/1913); enquanto ela cometeu assassinato, ele violentou sexualmente a própria filha. Qual o impacto destes atos, considerando os processos de transmissão psíquica, nas próximas gerações?

Raimunda: “As cinzas que estão enterradas no seu lugar são da mãe da Augustina?”. Descobre-se, então, o paradeiro da mãe de Augustina, confirmando, assim, as suspeitas dela.

Mãe: “Sim. E depois andei perdida pelos campos por vários dias, escondida como um animal. Pensava em me entregar, mas antes passei por onde morava a Paula para vê-la. Encontrei-a muito mal. Ela, quando me viu, não estranhou nem um pouco. Eu vinha do passado, de onde ela morava e me recebeu como se acabasse de sair pela porta. A tragédia a fez perder a pouca razão que tinha. Não poderia deixá-la sozinha. Então, fiquei cuidando dela até morrer”. Poderíamos associar a insanidade de tia Paula como uma recusa às perdas e sofrimentos que ela vivenciou? Se ela fica com a memória presa ao passado é como se não

tivesse acontecido a morte da irmã no incêndio - como todos pensavam - ou o incesto entre sua sobrinha e seu cunhado.

Raimunda: “Mãe, na vila acreditam que você é um fantasma”.

Mãe: “Isso é o bom dessa vila tão supersticiosa. Para mim foi mais fácil seguir a corrente que se criou que dizer a verdade. Pensei que me levariam presa. Não deixava de pensar que alguém me investigaria ou me castigaria. Durante todo este tempo juro que vivi um verdadeiro purgatório”.

Elas se abraçaram forte.

Raimunda: “Nunca melhor dito”. Sabe-se que silêncios, segredos, lacunas, vazios, não-ditos relativos a perdas e traumas, situações de sofrimento são obstáculos para o processo de elaboração psíquica - transformação de afeto (Freud, 2010/1914b) que envolve um tempo particular de cada sujeito. Com esta frase de Raimunda, podemos pensar que as possibilidades de elaboração de tantas histórias, anteriormente secretas, surgiram para os membros desta família? Este reencontro com as experiências do passado - *Volver* a lugares específicos - teria o intuito de elaboração?

5.3 - Desvelando a dinâmica desta família?

Neste momento, após construir a análise de cada cena selecionada do filme, é interessante discutir mais aspectos sobre os lugares e papéis que estes sujeitos das três gerações de família de *Volver* ocupam. Irene casou-se com seu marido e tiveram duas filhas Raimunda e Soledad, ambas com algumas características bem opostas. Enquanto a primeira tinha como atributos marcantes sua vivacidade, sensualidade, persistência, coragem e capacidade para tentar vencer os desafios; a outra demonstrava ser o oposto, parecia acomodada às situações, além de ter apresentado um pouco de vivacidade apenas após o retorno da mãe. Além disso, Soledad havia sido abandonada pelo marido e não tinha filhos.

Não foram contadas tantas informações a respeito do marido de Irene. Sabe-se que este violentou a filha Raimunda, traía a esposa com várias mulheres, inclusive com a mãe de Augustina. Foi assassinado por Irene que provocou um incêndio no local que estava o marido e esta amante.

Raimunda, por sua vez, ao sofrer a violência sexual cometida pelo próprio pai, engravidou de Paula. Em seguida, Raimunda havia ido morar com a tia Paula, irmã de Irene, que não havia se casado e nem tido filhos. A tia foi a figura de apoio e acolhimento para Raimunda tanto que a filha foi registrada com o mesmo nome da tia. Quando Paula era ainda um bebê, a mãe casou-se com Paco que assumiu a garota como filha. Aos 14 anos, Paula também foi violentada sexualmente por Paco, assassinando o padrasto diante da situação em que se encontrava.

Sabe-se que Raimunda sofrera violência sexual e Irene, por sua vez, não havia percebido o que aconteceu com sua filha. É possível que o desmentido materno, processo inconsciente no qual a criança ou adolescente tem seu sofrimento desautorizado por um cuidador através do silêncio ou da negação da situação (Ferenczi, 1933), neste caso, de

violência sexual, tenha se estabelecido na relação de Irene e Raimunda. Quais seriam os aspectos inconscientes que permeavam a relação de ambas antes do ocorrido que possam ter influenciado no desmentido? É plausível pensar, diante de algumas falas e da cena do filme em preto e branco que Irene assistia na casa de Augustina, que a mãe invejava a filha pela sensualidade desta que se destaca. Como era esse triângulo edípico (Freud, 2011/1923; 1974/1924) entre Irene, o marido e Raimunda?

Raimunda contou sobre a violência sexual para tia Paula quando foi morar com esta. Por um lado, é possível afirmar que a tia ofereceu escuta ao sofrimento da sobrinha, tanto que provavelmente Paula recebeu seu nome como uma homenagem à senhora; por outro, é preciso considerar que tia Paula pode ter recusado, inconscientemente, o nascimento da filha de Raimunda devido a não ter suportado entrar em contato com a criança que era fruto de um incesto, mantendo este segredo entre a sobrinha e ela.

Durante determinado tempo, tia Paula foi a única pessoa que teve conhecimento da situação que a sobrinha tinha vivenciado e, sabe-se que a senhora, além de perder a visão, perguntou à Raimunda se ela havia tido o bebê por estar magra quando Paula já estava com 14 anos. Tais recusas bem como os aspectos sem representação são elementos que contribuem para a formação da face negativa do pacto denegativo (Kaës, 2005), uma aliança inconsciente estabelecida impositivamente na família.

Raimunda pareceu não ter tido condições de elaborar as situações traumáticas vivenciadas. Casou-se com Paco, mudou-se de cidade, afastou-se da família, principalmente de sua mãe, tentando romper os vínculos para apagar as feridas do passado, silenciando-se (Rosa, 2001; Correa, 2003), mantendo os acontecimentos em segredo. Para Abraham e Torok (1995/1972) o trauma bloqueia a introjeção que é o motor do psiquismo, já que amplia as possibilidades de construção das representações e elaborações das experiências vividas pelo sujeito. O Eu fica preso à perda não elaborada que se tornou inconfessável e este processo

pode levar à constituição da cripta psíquica (Abraham, e Torok, 1995/1971; 1972) que, por sua vez, enterra o segredo. Este permanece encoberto, assumindo um lugar que outrora, se fosse possível, pertenceria às palavras, criando obstáculos para nomeações, significações e elaborações. Dessa forma, pode-se criar a hipótese de que Raimunda teve uma cripta constituída em seu psiquismo, encobrendo a violência sexual traumática.

O segredo, enterrado na cripta, pode participar da constituição de um objeto transgeracional do tipo fantasma (Eiguer, 1991; Abraham e Torok, 1995/1974), fazendo com que um corpo estranho atue no psiquismo do sujeito de uma próxima geração, não necessariamente a seguinte. O fantasma patológico surge quando a lacuna transmitida no próprio sujeito irrompe o caminho da introjeção, não permitindo que as palavras exerçam sua função de nomear para significar. Além disso, este fantasma trabalha para o instinto de morte (Freud, 2010/1920), sendo fonte de repetições (Abraham, 1995/1975) encontradas diante de diversos sintomas.

Diante disso, acredita-se que Paula, que desconhecia aspectos de sua própria história como, por exemplo, quem era seu pai biológico, pode ter sido a depositária deste fantasma - objeto transgeracional - constituído a partir dos segredos encalacrados na cripta da mãe. O fantasma patológico atuante pode ter influenciado tanto em relação à garota também sofrer violência sexual incestuosa assim como a mãe quanto em cometer um assassinato como a avó como será discutido a seguir.

No entanto, para que a violência sexual incestuosa possa acontecer é necessária a presença de um violentador, um sujeito de estrutura perversa, na dinâmica familiar. Ou seja, não são somente os vínculos intersubjetivos e os processos de transmissão psíquica que vão determinar que a violência sexual incestuosa ocorra. Diversos elementos precisam ser considerados, inclusive a responsabilidade que o violentador tem sobre o ato.

É relevante ressaltar que as duas leis fundamentais para a manutenção da civilização: não cometer assassinato e nem incesto (Freud, 2012/1913) foram transgredidas pelas gerações desta família mais de uma vez. Tais leis são também conteúdos que compõem a transmissão psíquica intergeracional que pode ser cessada por traumas (Trachtenberg, 2005) como aqueles vivenciados pela família de Irene e Raimunda. Então, diante do trauma, a transmissão que opera é a transgeracional não preservando os espaços intersubjetivos como a outra. Quais os impactos que as leis constituintes da civilização infringidas por estes sujeitos poderiam ocasionar nas próximas gerações?

É possível pensar que Paula também tenha herdado um fantasma patológico como objeto transgeracional formado a partir das experiências da avó Irene como, por exemplo, o fato de ela ter assassinado o pai-avô da garota. Quando Paula matou Paco, Irene ainda não havia retornado para sua família e, ainda assim, teve-se o conhecimento de que ela matara o marido depois da quebra do silêncio de Augustina. Até então, este era mais um segredo.

Outro aspecto a ser considerado é em relação à Raimunda. Será que diante da situação traumática do incesto que não foi elaborada por ela, esta teria desejado, inconscientemente, matar o pai que a violentou? Assim, diante deste possível desejo de Raimunda e do ato de Irene - ambos tidos como segredos silenciados, o objeto transgeracional do tipo fantasma patológico herdado por Paula também pode ter tido em sua constituição os aspectos sem representação que se remetem ao assassinato do pai-avô.

Parece que foi necessário o retorno de Irene como um fantasma que sai do túmulo e, posteriormente, a quebra do silêncio de Augustina - amiga da família - para que os segredos começassem a ser ditos, nomeados, significados para uma possível elaboração. A música *Volver*, a seguir, - interpretada no filme por Estrella Morente - retrata o papel da herança psíquica transgeracional sobre o psiquismo de um sujeito como se passado e presente se misturassem impedindo a evolução do tempo cronológico e psíquico diante deste corpo

estranho sem nome que atua na vida psíquica, por vezes repetindo-se, possivelmente procurando por uma elaboração?

“Tenho medo do encontro com o passado que volta a enfrentar-se com minha vida...

Tenho medo das noites que povoadas de lembranças encadeiam meu sonhar...

Mas o viajante que foge tarde ou cedo detém seu andar...

E apesar do esquecimento, que tudo destrói,

tenha matado a minha velha ilusão,

guardo escondida uma esperança humilde

que é toda a fortuna de meu coração.

Voltar...

com o rosto murcho,

As neves do tempo pratearam meu templo.

Sentir...

que é um sopro a vida,

que vinte anos são nada,

que febril a olhada,

errante nas sombras

te procura e te nomeia.

Viver...

com a alma aferrada

a uma doce lembrança

que choro outra vez.”

Raimunda cantou este trecho da música *Volver* de forma emocionante em uma cena do filme como fazia quando criança. Enquanto cantava, a mãe escondida no carro de Soledad também chorava. Naquele momento passado e presente mesclavam-se? Um processo de elaboração pode ter sido iniciado naquele momento? Seria esta a música que a mãe ensinou à filha para cantar no show de talentos já representando um legado de uma família que escondia tantos segredos que possivelmente foram transmitidos transgeracionalmente, de forma parcial, como herança psíquica?

Foi neste momento, no restaurante, que, depois de anos, Raimunda voltara a cantar. Será que foram os traumas que a fizeram parar de cantar? Quando se fala em violência sexual, fala-se de um tempo que demora a passar como a música versa “que vinte anos são nada” possivelmente devido às não elaborações. Quando Raimunda assume a responsabilidade do assassinato de Paco que Paula cometera, pode ser que inconscientemente ela matava o pai simbólico - aquele que a violentara assim como Paco fez com a filha, o que pode ter criado, somado às revelações dos outros segredos, possibilidades de transformar essas dores.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo investigar se havia relação dos processos de transmissão psíquica com a situação de violência sexual incestuosa a partir da análise do filme *Volver*. As relações dos sujeitos que compõe as gerações da família da trama foram interpretadas de acordo com o método psicanalítico. Através destas possibilidades de desvelamento, tentou-se compreender as possíveis significações atribuídas à situação de violência sexual incestuosa bem como seus desdobramentos e impactos nas gerações posteriores.

Através da análise dos sujeitos da família do filme que contém um enredo repleto de segredos nos quais as três gerações da família estão envolvidas, puderam ser tecidas algumas considerações a respeito dos processos de transmissão psíquica. Primeiramente pode-se inferir que há certa relação entre a violência sexual incestuosa e a herança psíquica. No entanto, esta não é um fator determinante para que a violência ocorra, porém pode exercer certa influência como em outras ocasiões.

Em situações de violência sexual incestuosa, o trauma pode se instalar, por exemplo, diante de um desmentido pelo qual se desautoriza o sofrimento do sujeito violentado. Na perspectiva da análise realizada, a experiência traumática pode irromper algo no psiquismo do sujeito como o processo de introjeção, fazendo com que as possíveis elaborações e significações não ocorram.

Assim, as não elaborações, não nomeações, por vezes, devido à falta de palavras diante da situação traumática, constituindo os não-ditos podem se tornar um segredo que, por sua vez, pode ocasionar a formação de uma cripta psíquica na qual ficará enterrado. Esta cripta será mantenedora dos aspectos enlutados, não significados relativos ao segredo que podem constituir o objeto transgeracional, no caso, do tipo fantasma a ser transmitido para a

uma próxima geração que não necessariamente a seguinte. O objeto fantasma atuará sobre o psiquismo do outro descendente como um corpo estranho. Compreende-se, considerando a análise da família do filme, que este objeto fantasma pode ter atuado sobre Paula tanto em relação à violência sexual incestuosa bem como do assassinato de Paco.

Neste momento, faz-se relevante destacar que se não houvesse violentador, com estrutura de personalidade perversa, presente na dinâmica da família, a violência sexual incestuosa não teria ocorrido. A hipótese de que a herança psíquica influencia para que tal situação aconteça não indica, em momento algum, que o violentador não tem responsabilidade sobre o ato que cometeu. Não era foco deste trabalho discutir questões relativas a quem violenta, portanto, este assunto merece outros estudos aprofundados para novas descobertas acontecerem.

É relevante afirmar que este foi um olhar construído dentre inúmeros que poderiam ser estruturados, pois cada pesquisador que investigasse o filme poderia interpretá-lo conforme outras teorias, encontrando outros achados. Além disso, não há como abarcar todos os aspectos apresentados, por isso, foi escolhido o foco da violência sexual incestuosa e alguns aspectos dos assassinatos, por ambos os atos terem certa relação entre si, já que são transgressões das leis fundamentais da civilização que, por sua vez, são conteúdos também transmitidos intergeracionalmente.

A herança psíquica é um fator relevante a ser considerado diante das experiências pelas quais os sujeitos passam, pois, através desta ótica, o olhar dos profissionais que lidam com determinados casos torna-se ampliado, buscando pensar além do sujeito que, às vezes, apresenta algo que pode não ser suficiente para a compreensão de angústias. Diante de tantos sintomas e situações que podem se formar que incitam um sofrimento no sujeito, acredita-se que a herança psíquica é um amplo campo que pode apresentar novos achados através de outras pesquisas a serem realizadas.

7 - REFERÊNCIAS

- Abraham, N. (1974). Notas do seminário sobre a unidade dual e o fantasma. In Abraham, N. & Torok, M. (1995). *A casca e o núcleo*. (pp. 361 - 389) São Paulo: Escuta.
- Abraham, N. (1975). Pequenas anotações sobre o fantasma. In Abraham, N. & Torok, M. (1995). *A casca e o núcleo*. (pp. 391 - 397) São Paulo: Escuta.
- Abraham, N. & Torok, M. (1971). A tópica realitária. In Abraham, N. & Torok, M. (1995). *A casca e o núcleo*. (pp. 237 - 242) São Paulo: Escuta.
- Abraham, N. & Torok, M. (1972). Luto ou melancolia, introjetar-incorporar. In Abraham, N. & Torok, M. (1995). *A casca e o núcleo*. (pp. 243 - 257) São Paulo: Escuta.
- Abraham, N. & Torok, M. (1975). “O objeto-perdido - ego”, notações sobre a identificação endocríptica. In Abraham, N. & Torok, M. (1995). *A casca e o núcleo*. (pp. 277 - 296) São Paulo: Escuta.
- Almodóvar, P. (Diretor). (2006). *Volver*. [DVD]. Espanha: Canal + Espanha. 120 min.
- Amazonas, M. C. L. A., Oliveira, P. A. & Melo, L. M. M. B. (2009). Repercussões do abuso sexual incestuoso sobre a relação mãe X filha. *Psicologia em Revista*, 15(3), 82-100.
- Andrade, C. D. de. (2012). Convívio. In *Claro Enigma*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Azevedo, A. de. (1998). *Noite na Taverna*. Porto Alegre: L&PM.
- Berenstein, I. (1988). *Família e doença mental*. São Paulo: Escuta.
- Bulfinch, T. (2002). *O livro de ouro da mitologia - Histórias de deuses e heróis* (26ªed.). Rio de Janeiro: Ediouro.
- Cohen, C. & Gobbetti, G. (1998). Abuso sexual intrafamiliar. *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, 7(24), 235-243.
- Cohen, C. & Gobbetti, G. J. (2000). *O incesto: o abuso sexual intrafamiliar*. Recuperado em 11 de abril de 2011, de <http://www.cedeca.org.br/pesquisas.php>
- Correa, O. B. R. (2003). A transmissão psíquica entre gerações. *Psicologia USP*, 14(3), 35-45.
- Correa, O. B. R. (2000). *Os avatares da transmissão psíquica geracional*. São Paulo: Escuta.
- Cromberg, R. U. (2001). *Cena incestuosa: abuso e violência sexual*. (Coleção Clínica Psicanalítica). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Eiguer, A. (1991). A identificação com o objeto transgeracional. *Jornal de Psicanálise*, 10, 93-109.

Eiguer, A. (1998). A parte maldita da herança. In: Eiguer, A. *A Transmissão do Psiquismo Entre Gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica* (pp. 21-84). São Paulo: Unimarco.

Eiguer, A. (1985). *Um divã para a família. Do modelo grupal à terapia familiar psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Faimberg, H. (2001). A telescopagem das gerações: a propósito da genealogia de certas identificações. In Kaës, R. et al. (Org.) *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Ferenczi, S. (1933). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In *Obras Completas – Psicanálise*, vol. 4. São Paulo: Martins Fontes.

Ferenczi, S. (1988/1912). O conceito de introjeção. In: Ferenczi, S. *Escritos psicanalíticos*. Rio de Janeiro: Taurus, p. 61-63. (Trabalho original publicado em 1912).

Figaro-Garcia, C. (2004, Março). Trauma e incesto. *Pulsional - Revista de Psicanálise*, 17(177), 66-73.

Frayze-Pereira, J. A. (2006). *Arte, dor: Inquietudes entre estética e psicanálise*. São Paulo: Ateliê.

Freud, S. (2011). A dissolução do Complexo de Édipo. In *Obras Completas* (P. C. de Souza, trad., Vol. 16, pp. 203-213). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1924)

Freud, S. (1974). A interpretação dos sonhos. In *Edição Standard das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 4, pp. 1-360). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).

Freud, S. (2010a). A repressão. In *Obras Completas* (P. C. de Souza, trad., Vol. 12, pp. 82-98). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915a).

Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. In *Obras Completas* (P. C. de Souza, trad., Vol. 14, pp. 161-239). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920).

Freud, S. (2010). Algumas observações sobre o conceito de inconsciente na Psicanálise. In *Obras Completas* (P. C. de Souza, trad., Vol. 10, pp. 255-267). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912)

Freud, S. (1974). Análise terminável e interminável. In *Edição Standard das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 23, pp. 239-287). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937).

Freud, S. (1974). Escritores criativos e devaneios. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 9, pp. 149-158). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908)

- Freud, S. (1974). Estudos sobre a histeria. In *Edição Standard das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 2, pp. 15-319). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895).
- Freud, S. (2010a). Introdução ao narcisismo. In *Obras Completas* (P. C. de Souza, trad., Vol. 12, pp. 13-50). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914a).
- Freud, S. (1974). Moisés e o monoteísmo: três ensaios. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Vol. 23, pp. 13-161). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1939)
- Freud, S. (2011a). O eu e o id. In *Obras Completas* (P. C. de Souza, trad., Vol. 16, pp. 13-74). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923a)
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In *Obras Completas* (P. C. de Souza, trad., Vol. 18, pp. 13-122). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (1974). O sentido dos sintomas. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., Vol. 16, pp. 305-322). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (2010b). Os instintos e seus destinos. In *Obras Completas* (P. C. de Souza, trad., Vol. 12, pp. 51-81). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915b).
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e Análise do Eu. In *Obras Completas* (P. C. de Souza, trad., Vol. 15, pp. 13-113). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (2010b). Recordar, repetir e elaborar. In *Obras Completas* (P. C. de Souza, trad., Vol. 14, pp. 193-209). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914b)
- Freud, S. (1974). Romances familiares. In *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 9, pp. 243-247). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1909)
- Freud, S. (2012). Totem e Tabu. In *Obras Completas*. (P. C. de Souza, trad., Vol. 11, pp. 13-244). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Garcia, C. A. & Penna, C. M. P. e A. (2010). O trabalho do negativo e a transmissão psíquica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 62(3), 68-79.
- Gomes, I. C. & Zanetti, S. A. S. (2009). Transmissão psíquica transgeracional e construção de subjetividade: relato de uma psicoterapia psicanalítica vincular. *Psicologia USP*, 20(1), 93-108.
- Guimarães, V. C., & Celes, L. A. M. (2007). O psíquico e o social numa perspectiva metapsicológica: o conceito de identificação em Freud. *Psicologia. Teoria e Pesquisa*, 23, 241-246.

- Henriques, M. I. G. & Gomes, I. C. (2005). Mito familiar e transmissão psíquica: uma reflexão temática de forma lúdica. *Psychê Revista de Psicanálise*, 9(16), 183-196.
- Herrmann, F. & Lowenkron, T. (Org.) (2004). *Pesquisando com o método psicanalítico*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kaës, R. (1998). Os dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração. In Eiguer, A. (Org.) *A transmissão do psiquismo entre gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica* (pp. 5-19). São Paulo: Unimarco.
- Kaës, R. (2001). Introdução ao conceito de transmissão psíquica no pensamento de Freud. In Kaës, R. et al. (Org.) *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kaës, R. (2005). Os espaços psíquicos compartilhados: transmissão e negatividade. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1992). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Lejarraga, A. L. (2008, Julho/Dezembro). Clínica do trauma em Ferenczi e Winnicott. *Natureza Humana*, 10(2), 115-148.
- Lévi-Strauss, C. (2009). *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes. (Trabalho originalmente publicado em 1949).
- Malinowski, B. (1973). *Sexo e repressão na sociedade selvagem*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Matias, D. P. (2006, Maio/Agosto). Abuso sexual e sociometria: um estudo dos vínculos afetivos em famílias incestuosas. *Psicologia em Estudo*, 11(2), 295-304.
- Ministério da Saúde (2008, Novembro). *Painel de Indicadores do SUS: Prevenção de violências e cultura de paz*. 3(5).
- Organização Mundial de Saúde. (1999). Consultation on Child Abuse Prevention Geneva. Recuperado em 23 Agosto, 2012, de http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/neglect/en/ .
- Organização Mundial de Saúde. (2002). World Report on violence and health. Recuperado em 23 Agosto, 2012, de http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/global_campaign/en/chap6.pdf
- Pinheiro, C. B. (2008). Heranças familiares: transfusão ou transformação. *PsiLogos - Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Professor Doutor Fernando Fonseca, EPE*, 68-81.
- Razon, L. (2007). *Enigma do Incesto*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

- Rezende, A. M. (1993). A investigação em psicanálise: exegese, hermenêutica e interpretação. In Silva, M. E. L. (Org.) *Investigação e Psicanálise* (pp.103-118). Campinas: Papirus.
- Rezende, A. M. (1987). Psicanálise e filosofia das ciências: a questão da verdade. *Ide*, 14, 21-24.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Roudinesco, E. & Pilon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. (Trabalho original publicado em 1944).
- Rosa, M. D. (2001). O não dito familiar e a transmissão da história. *Psychê Revista de Psicanálise*, 5(8), 123-137.
- Silva, M. C. P. da (2003). *A herança psíquica na Clínica Psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Telles, S. (2006). O psicanalista vai ao cinema: Artigos e ensaios sobre Psicanálise e Cinema. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Torok, M. (1968). Doença do luto e fantasia do cadáver saboroso. In Abraham, N. & Torok, M. (1995). *A casca e o núcleo*. (pp. 215-235) São Paulo: Escuta.
- Trachtenberg, A. R. C. (2005). Trauma, transgeracionalidade: uma transformação possível. In Trachtenberg, A. R. C.; Kopittke, C. C.; Pereira, D. Z. T.; Chem, V. D. M. & Mello, V. M. H. P. (Org.) *Transgeracionalidade de escravo a herdeiro: um destino entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Trachtenberg, A. R. C.; Kopittke, C. C.; Pereira, D. Z. T.; Chem, V. D. M. & Mello, V. M. H. P. (2005). Verbetes. In Trachtenberg, A. R. C.; Kopittke, C. C.; Pereira, D. Z. T.; Chem, V. D. M. & Mello, V. M. H. P. (Org.) *Transgeracionalidade de escravo a herdeiro: um destino entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Vigilância de Violências e Acidentes (2008, Novembro). Crianças. In Ministério da Saúde (2008). *Painel de Indicadores do SUS: Prevenção de violências e cultura de paz*. 3(5).
- Zusman, W. (1994). *Os filmes que eu vi com Freud*. Rio de Janeiro: Imago.